

PRÉ-VESTIBULAR
SEMIEXTENSIVO

 **DOM BOSCO**
by Pearson

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

• **Filosofia**

VOLUME

2



PRÉ-VESTIBULAR
SEMIEXTENSIVO

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

• **Filosofia**

VOLUME

2

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

DOM BOSCO - SISTEMA DE ENSINO
PRÉ-VESTIBULAR SEMIEXTENSIVO 2
Ciências humanas e suas tecnologias.
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

Vice-presidência de Educação	Juliano Melo Costa
Gerência editorial nacional	Alexandre Mattioli
Gerência de produto	Silvana Afonso
Autoria	Stefano Schiavetto Amancio
Coordenação editorial	Luiz Molina Luz
Edição de conteúdo	Raíssa Cardoso, Curso São Carlos Ltda.
Assistência de edição	Ana Carolina de Almeida Paulino
Leitura crítica	Curso São Carlos Ltda
Preparação	Renata Coppolla, Liane Pilon
Revisão	Adriana Cardoso, Luisa Tieppo, Renata Coppola
Gerência de Design	Cleber Figueira Carvalho
Coordenação de Design	Diogo Mecabo
Edição de arte	Débora Lima, Ariane Lima
Coordenação de pesquisa e licenciamento	Maiti Salla
Pesquisa e licenciamento	Cristiane Gameiro, Heraldo Colon, Andrea Bolanho, Maricy Queiroz
Ilustrações	Carla Viana
Projeto Gráfico	Apis Design integrado
Diagramação	Editorial 5
Capa	Apis Design integrado
Imagem de capa	inoby/istock
Produtor multimídia	Cristian Neil Zaramella
PCP	George Baldim, Paulo Campos

Todos os direitos desta publicação reservados à
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina, 1193 - Água Branca
São Paulo, SP – CEP 05036-001
Tel. (11) 4210-4450

www.pearson.com.br

APRESENTAÇÃO

Um bom material didático voltado ao vestibular deve ser maior que um grupo de conteúdos a ser memorizado pelos alunos. A sociedade atual exige que nossos jovens, além de dominar conteúdos aprendidos ao longo da Educação Básica, conheçam a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver as habilidades a fim de obterem autonomia e entenderem criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para se ter sucesso no Ensino Superior.

O Enem e os principais vestibulares do país esperam que o aluno, ao final do Ensino Médio, seja capaz de dominar linguagens e seus códigos; construir argumentações consistentes; selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; e compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica.

O Pré-Vestibular do Sistema de Ensino Dom Bosco sempre se destacou no mercado editorial brasileiro como um material didático completo dentro de seu segmento educacional. A nova edição traz novidades, a fim de atender às sugestões apresentadas pelas escolas parceiras que participaram do Construindo Juntos – que é o programa realizado pela área de Educação da Pearson Brasil, para promover a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a participação dos parceiros no desenvolvimento dos materiais didáticos de suas marcas.

Assim, o Pré-Vestibular Semiextensivo Dom Bosco by Pearson foi elaborado por uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, abrangendo as quatro áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças educacionais do país.

O novo material envolve temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; e a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

A coleção contempla todos os conteúdos exigidos no Enem e nos vestibulares de todo o país, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Soma-se a isso, uma seleção refinada de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



IMAMEMBER/ISTOCK

FILOSOFIA

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

LIBERDADE, DETERMINISMO E POLÍTICA

- Liberdade e filosofia
- Liberdade e sociedade
- Liberdade e determinismo
- Liberdade e responsabilidade
- Liberdade, ser e tempo
- Liberdade e o surgimento do liberalismo
- Liberdade e marxismo
- Liberdade em Kant
- Liberdade e cidadania

HABILIDADES

- Compreender o papel da sociedade na determinação dos modos de agir, pensar e sentir dos indivíduos.
- Compreender a liberdade como existente a partir da responsabilidade, em contraponto ao individualismo e à negação da existência dos diferentes.
- Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
- Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

O conceito de liberdade é fundamental para a filosofia. Discutida desde os gregos antigos, a liberdade refere-se às possibilidades de expressar-se e agir sem impedimentos. Mas será que somos livres ou existe uma entidade externa que nos regula, como Deus? Ou, então, existe algum destino determinado, predefinido antes da nossa existência e, portanto, de nada adianta nos rebelarmos ou tentarmos mudar nossa vida atual? A história da filosofia é marcada por esses questionamentos relacionados à liberdade e também sobre qual modelo de sociedade é o mais apto para garantir a liberdade das pessoas.

Liberdade e sociedade

Em linhas gerais, Émile Durkheim define sociedade como uma reunião de pessoas organizadas conforme determinadas divisões sociais de trabalho, ideias coletivas e regras comuns. A sociedade define para os indivíduos os modos simbólicos de agir, pensar e sentir, que, a partir de conflitos sociais, inerentes à vida em sociedade, podem ser modificados.

Em outras palavras, homens, mulheres e crianças convivem no mesmo espaço social, produzindo objetos domésticos, instrumentos de trabalho, vestuário, edificações, comércio, templos, indústrias e conhecimentos variados – em suas famílias, nas ruas, em escolas, igrejas e universidades. Nessa vida social, até mesmo as ideias sobre o que é ser homem, mulher e criança são criadas e redefinidas, conforme os conflitos sociais. Por exemplo, os conceitos de infância e de adolescência, enquanto estágios específicos da vida humana voltados para o brincar e o aprender, são características das sociedades europeias posteriores ao século XVIII – anteriormente, crianças e adolescentes eram considerados miniadultos. Hoje vemos frequentes manifestações e movimentos sociais e acadêmicos que lutam pela liberdade do indivíduo de definir sua própria identidade de gênero – antes restrita às categorias homem-mulher – e de poder ter composições familiares diversas da tradicional, mononuclear. Condicionamento social e liberdade, portanto, são inerentes às sociedades.

LEITURA COMPLEMENTAR

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”

É a frase mais clássica de Beauvoir, retirada do livro *O Segundo Sexo*. Para ela, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”. Em outras palavras, ela defende a distinção entre sexo e gênero. O primeiro é um fator biológico, ligado à constituição físico-química do corpo humano. Já o segundo é construído pela sociedade, ou seja, ser homem ou ser mulher não é um dado natural, mas algo performático e social – ao longo da história, cada cultura criou os padrões de ação e comportamento de determinado gênero.



Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora e filósofa francesa, defendeu que ser mulher é uma construção social e não uma determinação biológica.

HARLINGUE / ROGER-VIOLLET / ROGER-VIOLLET / AFP

Segundo a filosofia contemporânea, a liberdade individual deve ser respeitada, mas repreendida quando prejudica a qualidade de vida na coletividade. Por isso, existem regras que proíbem discriminar, injuriar, roubar, matar, poluir etc. A sociedade livre perde seu valor quando é sufocada ou impedida por interesses privados, egoístas ou racistas, como nos casos de escravidão, injustiça, exploração, privação do trabalho, governos autoritários ou ainda quando o próprio indivíduo abdica dessa liberdade, por comodismo, insegurança ou descrença.

Essas concepções são influentes inclusive no direito brasileiro. A Constituição Federal brasileira de 1988 assegura a liberdade para todos os cidadãos, o que exige responsabilidade perante a não violação da liberdade das outras pessoas. Vejamos:

Artigo 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade.

Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp>. Acesso em: nov. 2018.

Desse modo, ser racista não é uma liberdade, porque impede a vida livre e digna das pessoas que são vítimas de racismo. A tortura também não é uma liberdade, nem mesmo quando feita em um agressor, pois os direitos à vida e à segurança são invioláveis. Para lidar com agressores, o Estado brasileiro possui órgãos de justiça e órgãos responsáveis por estabelecer punições, sendo a maior delas a perda da liberdade e a passagem de um determinado período em detenções. Assim, fazer justiça com as próprias mãos não é uma liberdade.

Liberdade e determinismo

A filosofia denomina deterministas as correntes de pensamento que acreditam na existência do destino ou de entidades externas que predefinem a vida antes dela existir. O **determinismo** consiste em entender a realidade como uma situação preestabelecida e independente da vontade humana.

Por um lado, existem os determinismos naturais, ou as limitações impostas por regras naturais. Nós, seres humanos, temos limitações: não podemos voar, respirar embaixo d'água, comer plantas venenosas e assim por diante. Ainda assim, podemos inventar maneiras de contornar tais impedimentos: voar por meio de aeronaves, respirar embaixo d'água usando cilindros de oxigênio e extrair os venenos de plantas para transformá-los em medicamentos.

Por outro lado, existem os determinismos culturais. Na filosofia, o determinismo deve ser compreendido como um conjunto de regras externas aos indivíduos que definem seus modos de agir, pensar e sentir. Para alguns religiosos, essas regras podem ser definidas

pela vontade de Deus. Para alguns cientificistas, pela vontade do corpo humano e, neste caso, é a genética que determina nossas ideias. Há ainda quem pense que tais regras derivem de um espírito que regula o universo e influencia o progresso da humanidade. Em geral, os pensamentos deterministas, como os indicados, envolvem o debate entre vontade externa e livre-arbítrio.

O **livre-arbítrio** diz respeito à possibilidade de fazer escolhas de acordo com a própria vontade. Entretanto, para a filosofia, ele existe em conjunto com os condicionamentos ou regras sociais que internalizamos desde a nossa tenra idade e que definem nossos modos de agir, pensar e sentir.

As leis naturais e culturais existem e os seres humanos convivem com elas. Usam a inteligência e a criatividade para aproveitar os desafios e determinismos impostos para, assim, criar maneiras de viver e desenvolver objetos que aumentem seu poder de ação na sociedade. Meios de transporte, cidades, eletrodomésticos, máquinas, entre outras invenções, contribuíram para facilitar alguns aspectos da vida dos indivíduos e lhes possibilitaram ampliar a sensação e o poder de liberdade, pensamento e ação. Com isso, as pessoas podem determinar-se. E a autodeterminação faz com que se sintam bem, trabalhem com alegria, relacionem-se umas com as outras, com segurança e vontade.

A consciência dos determinismos natural e cultural e a capacidade de autocontrole constituem a liberdade. Conforme aponta o filósofo alemão Karl Jaspers (1883-1969), "só nos momentos em que exerço minha liberdade é que sou plenamente eu mesmo: ser livre significa ser eu mesmo".

A visão de Jaspers leva a pensar que o ser humano é livre e determinado ao mesmo tempo. Livre porque é capaz de pensar e decidir por si mesmo; determinado porque vive em sociedade. Tal concepção caracteriza a liberdade sob três aspectos:

- A liberdade é essencial para todos os seres humanos, independentemente de credo, etnia, condição social, política ou econômica.
- A liberdade deve ser garantida para todos os indivíduos, por meio da constituição do país, como convenção ou acordo social; a pessoa tem o direito de ser livre e o dever de respeitar a liberdade dos seus pares.
- A liberdade é um valor ou direito inalienável do ser humano, sendo a escravidão considerada antiética e imoral. Tendo consciência das forças ou leis que agem sobre nós, fica mais fácil alimentar a vontade e exercitar a inteligência para escolher a direção que desejamos tomar ou, em outras palavras, estabelecer um projeto de vida com livre-arbítrio.

Liberdade e responsabilidade

A filosofia existencialista, ou **existencialismo**, que surgiu na Europa entre os séculos XIX e XX, nega o determinismo e afirma a plena liberdade do indivíduo. Segundo essa concepção, nós até podemos ter nascido “sem pedir”, por fatores prévios à nossa consciência. Contudo, uma vez vivos, somos livres para fazermos nossas escolhas. O filósofo francês Jean-Paul Sartre, um dos expoentes do existencialismo, afirmou:

Não existe um caminho traçado que leve o homem à sua salvação; ele precisa inventar incessantemente seu próprio caminho. Mas, para inventá-lo, ele é livre, responsável, autêntico, e todas as esperanças residem dentro de si.

SARTRE. apud BAKEWELL, Sarah. *No café existencialista: O retrato da época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 17

É evidente que sofremos influências externas, principalmente dos condicionamentos sociais da sociedade. Mas também somos o resultado da nossa existência, a somatória das nossas ações e escolhas.



Jean-Paul Sartre, nascido em Paris, em 1905, foi uma criança muito estudiosa. Tornou-se professor de filosofia e, na Segunda Guerra, alistou-se no exército francês, tendo sido capturado pelos alemães. Na prisão, estudou as obras de Martin Heidegger e escreveu sua primeira peça teatral. Quando o libertaram, Paris estava tomada pelos alemães. Escreveu, então, sua obra filosófica mais importante: *O ser e o nada* (1943). Sartre, que viveu com a escritora e filósofa Simone de Beauvoir, precursora do movimento feminista moderno, recusou o Prêmio Nobel de Literatura, em 1964, por questões ideológicas. Fundou o jornal *Libération* e engajou-se em movimentos estudantis, ganhando a simpatia dos jovens de sua época. Faleceu em Paris, em 1980.

Por outro lado, o exercício da liberdade individual conduz a assumir **responsabilidades** na medida em que as ações afetem positiva ou negativamente as demais pessoas. Sartre afirma que o ser humano está “condenado” a ser livre. Isso significa que, apesar de o ser humano não ter criado a si mesmo, ou seja, não ter nascido por vontade própria, ele nasceu, e nasceu livre. Mas, se é livre, é responsável por tudo o que faz com sua existência. Se é responsável e deseja viver bem, deve aprender que ter liberdade é saber conviver, respeitando os limites de cada um. Afinal, na sociedade, também compartilhamos problemas, tristezas, dores etc. Para Sartre, é preciso, portanto, assumirmos as rédeas de nossas vidas, de modo crítico e responsável, para vivermos uma liberdade consciente, que nos traga felicidade e, ao mesmo tempo, não crie desigualdades sociais.

Com essa concepção de liberdade, o existencialismo tornou-se muito influente no período pós-Segunda Guerra Mundial. Ele surge como resposta à situação da Europa à época: países divididos entre capitalistas e socialistas; destruição da infraestrutura de saúde, educação, segurança, trabalho, moradia e transportes; genocídio de judeus e eslavos; perseguição a minorias políticas; perda de liberdade com regimes totalitários; descrença na diplomacia e no diálogo, consequência dos conflitos armados. Seu objetivo foi, então, resgatar o sentido da vida depois das atrocidades e destruições das duas guerras, afirmando que o ser humano foi lançado no mundo para enfrentar problemas e encontrar soluções – por intermédio da racionalidade e das emoções –, sem a necessidade de usar técnicas e métodos científicos como ferramentas para provar a superioridade de um povo sobre outro.

Liberdade, ser e tempo

Na perspectiva existencialista, o alemão Martin Heidegger (1889-1976) é um dos principais expoentes ao lado de Sartre. Segundo Heidegger, o ser humano existe enquanto *ser*. Esse “ser”, sua existência, só ocorre porque o indivíduo está inserido em determinado tempo histórico. Assim, nossa existência se dá a partir das interpretações fundamentalmente determinadas pelas categorias interpretativas fornecidas pelo contexto histórico em que vivemos.

Enquanto seres humanos, somos altamente determinados pelo contexto histórico e, conseqüentemente, podemos nos tornar pouco pensantes, seguindo fenômenos sociais sem uma participação ativa na história. Aprendemos por intermédio da família, da escola e demais instituições sociais, e apenas seguimos em frente, sem questionarmos o porquê das coisas serem como são. Assim, Heidegger mostra-nos como nossa relação com o mundo nunca é neutra. Não pensar ou não fazer escolhas é, na verdade, fazer a escolha da tradição.

Além disso, devemos atingir uma condição de existência que supere a passividade, o que consiste num

exercício humano de questionar os fundamentos dos fenômenos apreendidos durante nossa vida. Isso nos tira, portanto, de uma condição de “repetidores” e torna autêntica a nossa existência. Nessa condição, segundo Heidegger, o ser humano mobiliza sua existência e pode mudar a história de seu tempo, fornecendo novas categorias interpretativas para gerações presentes e posteriores.

Essa transição do passivo para o ativo é difícil de ser operada porque exige uma revisão das categorias interpretativas com as quais estamos acostumados e confortáveis. Além disso, assumir nossos vícios e defeitos é doloroso. Por essas razões, segundo Heidegger, o processo de conscientização de si e sobre o mundo gera crises existenciais, de muita dor e angústia. Contudo, esses males valem a pena, afinal progredimos na compreensão acerca de nós mesmos e da realidade. Ganhamos uma vida autêntica que supera limitações, preconceitos e demais problemas psicossociais, transformando a história e elevando a qualidade da vida em sociedade. Portanto, o sofrimento não é apenas parte constitutiva da vida, mas também importante para a superação e a transformação das nossas existências.

Liberdade e o surgimento do liberalismo

No século XVII, em oposição ao absolutismo monárquico, surge o liberalismo político, influenciado pelo Iluminismo. Os primeiros pensadores liberais, sendo John Locke (1632-1704) o principal expoente, defendiam que, desde o nascimento até a morte, o indivíduo carrega consigo direitos individuais inalienáveis, isto é, que não podem ser vendidos ou dispensados, como os direitos à vida, à propriedade e à liberdade. Além disso, cabe ao Estado a tarefa de proteger e assegurar que eles sejam cumpridos. Entretanto, às vezes, interesses individuais e/ou privados tomados em si mesmos põem em risco os interesses coletivos e/ou públicos. Assim, os indivíduos devem estabelecer uma relação de respeito às leis coletivas por meio de um contrato social, ou seja, eles aceitam de comum acordo que o bem privado depende do bem público.

Na obra *O espírito das leis*, o pensador Montesquieu (1689-1755) afirmou que ter liberdade é ter o direito de fazer tudo o que as leis permitem. Em outras palavras, a liberdade só é possível caso as pessoas cumpram o conjunto de leis criado a partir de um Estado liberal, cuja existência derive da convivência e do interesse popular. Como o Estado torna-se o responsável pela criação das regras necessárias para o bom convívio social, Montesquieu defende a divisão dos três poderes, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, visando garantir a vigilância entre eles e evitar o abuso de poder.

No século XX, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, a palavra liberdade deixou de significar apenas cumprimento de leis e ganhou *status*

de direito do cidadão. Desse modo, ela passa a relacionar-se à cidadania, que diz respeito à capacidade do indivíduo de participar ativamente de sua comunidade, tendo liberdade de escolha e decisão, mas também tendo o compromisso de respeitar os demais indivíduos em iguais condições de direitos e deveres.

Liberdade em Kant

A liberdade, segundo Immanuel Kant (1724-1804), depende de uma dimensão ética. Portanto, depende de um sujeito moral que participe ativamente de uma comunidade e seja, essencialmente, capaz de decidir com autonomia como conduzir-se em relação a si mesmo e aos outros.

Esse sujeito, denominado **sujeito autônomo**, é conhecedor das regras morais universais, resultantes do uso da razão, a fim de decifrar as normas obrigatórias para qualquer ser humano em qualquer cultura. Essas regras são os imperativos categóricos. Além de conhecê-las, o sujeito autônomo respeita-as integralmente, afinal reconhece o valor delas e a necessidade de cumpri-las para que todos sejam livres e tenham boas vidas.

O sujeito autônomo – ético e responsável – é livre para elaborar os meios necessários para alcançar os fins que deseja, de modo que tanto os meios elaborados quanto sua conduta não firam os direitos alheios. Ele elabora, portanto, imperativos hipotéticos, ou seja, cria regras e condutas que o auxiliem na conquista de seus objetivos. Por exemplo, um sujeito autônomo nunca desobedecerá ao imperativo categórico “não trapaceie”. Se esse sujeito for um empresário ou uma empresária que está promovendo um processo seletivo em sua empresa, ele contratará quem for mais apto e não praticará nepotismo, dando a vaga a um familiar menos qualificado. Essa conduta é ética e universalmente válida, necessária para a adequada organização da sociedade, e evita privilégios e favorecimentos pessoais. Da mesma forma, caso quem esteja se candidatando à vaga seja autônomo, nunca elaborará meios de “se dar bem” durante a entrevista, mentindo ou desqualificando os outros candidatos, mas elaborará imperativos hipotéticos éticos e fundamentados na exposição de suas qualidades e qualificações, como: “se eu quero ser aprovado para a vaga, devo estudar”.

O **sujeito heterônomo**, segundo Kant, não obedece aos imperativos categóricos, nem mesmo elabora imperativos hipotéticos éticos. Em outras palavras, obedece às suas vontades imediatas e não compreende que algumas vontades devem ser evitadas em nome da vida ética. Trapacear, por exemplo, pode ser um caminho menos doloroso para quem deseja uma vaga de emprego, afinal se evitam mais estudos e preparações. Para sujeitos heterônomos, essa “facilitação” é sedutora. Para sujeitos autônomos, a negação da ética é intolerável, pois existem regras universais para garantir a boa vida a todos.

Nessa visão, a liberdade, portanto, depende da dimensão ética característica da autonomia.

Liberdade e marxismo

Os séculos XVIII e XIX foram marcados pela Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo, sistema fundamentado na empresa privada, na liberdade de mercado, na competitividade, na busca de lucro e na exploração dos trabalhadores. Tudo isso resultou em avanços científico-tecnológicos, mas também em desigualdades sociais preocupantes.

As condições de trabalho nas fábricas eram degradantes e os salários insuficientes para se ter uma vida digna. A jornada de trabalho dos operários chegava a dezoito horas por dia, e crianças eram empregadas por serem uma mão de obra mais barata. Havia um grande desequilíbrio entre o patrão e os empregados, inclusive em suas relações trabalhistas. Por exemplo, muitos trabalhadores aceitavam assinar um contrato de prestação de serviços sabendo que era temporário e precário. Mas não é porque simplesmente aceitavam ser explorados, e sim porque, se não o fizessem, estariam sujeitos a ficar desempregados e, conseqüentemente, a não conseguir suprir as próprias necessidades básicas. O patrão, por seu turno, tinha a possibilidade de encontrar outros empregados e não dependia disso para sobreviver.

Karl Marx (1818-1883) desenvolveu suas teorias a partir da constatação desse desequilíbrio na sociedade capitalista, identificando a existência de um conflito de classes entre a burguesia industrial e o proletariado. De um lado, os burgueses, donos dos meios de produção, buscavam ampliar a produção e o mercado consumidor de seus produtos; de outro, os trabalhadores industriais lutavam por aumento salarial, melhores condições de trabalho, com redução da jornada de trabalho, licença-maternidade, ambientes menos insalubres, entre outros direitos trabalhistas e sociais. Para alcançarem essas demandas, os operários ingleses criaram movimentos de reivindicação, os primeiros sindicatos (*trade unions*) e partidos políticos de cunho marxista.



Karl Marx nasceu em Tréveris, Alemanha, em 1818. Cursou direito, filosofia e história. Dirigia um pequeno jornal, proibido em 1843, quando partiu para a Inglaterra, onde conheceu o jovem Friedrich Engels, seu grande companheiro de ideias. Viveu em vários países europeus, sendo expulso de alguns em razão de suas teorias revolucionárias. Por isso, retornou a Londres, onde publicou uma de suas obras mais célebres, *O capital* (1867).

Para Marx, o capitalismo acabaria esgotado em um futuro próximo, possibilitando uma revolução que resultaria na “emancipação do proletariado” e em uma forma de governo comunista que asseguraria a liberdade para todos. Segundo ele, a liberdade econômica autêntica é aquela em que as relações de dependência entre as pessoas são de colaboração e não de competição desenfreada e de exploração de uns pelos outros. A livre-iniciativa, fundamentada na ideia de que deve vencer o melhor, leva tanto patrões como empregados a agirem como inimigos e não como indivíduos com talentos e competências diferentes. Nas atividades produtivas, se as relações beneficiarem somente um dos lados, haverá boicote e/ou reações violentas. Entretanto, quando ocorre equilíbrio entre opostos, a tendência é que haja um bem comum maior.

Em síntese, Marx defendia não apenas uma igualdade jurídica, mas também social. Isso não significa que todos os indivíduos devam ter bens de consumo – como roupas, casas, veículos, alimentos – idênticos, mas que tenham igualdade de oportunidades e de acesso a direitos, garantidos por meio de uma economia cuja organização do trabalho não seja fundamentada na exploração entre classes.

Além disso, na sociedade comunista idealizada por Marx, deveria haver uma organização do trabalho que não se assentasse na propriedade privada. Com isso, o povo seria o proprietário de tudo e a administração de fábricas, universidades ou qualquer outro estabelecimento seria feita pelos próprios trabalhadores. A troca dependeria da participação social na produção da riqueza coletiva e não do acúmulo de dinheiro a partir de mais-valia, lucro ou salário. Seria necessária, então, a reflexão e a ação para uma organização social em que as relações de dependência entre as pessoas fossem de trabalho e colaboração. Desse modo, a desigualdade deixaria de ser um fator necessário para a vida em sociedade. E a liberdade seria, enfim, o resultado de uma organização social que garantisse igualdade social.

Liberdade e cidadania

Na Grécia Antiga, especialmente em Atenas, apenas os homens livres nascidos na pólis e com mais de dezoito anos eram cidadãos e, portanto, tinham o direito legal de manifestar opiniões, de participar na elaboração de leis e de protestar contra irregularidades sociais durante as assembleias públicas realizadas nas ágoras. Apenas, aproximadamente, dez por cento da população detinha o título de cidadão e deliberava o destino de sua comunidade. Mulheres, estrangeiros e escravos estavam excluídos. Apesar disso, a cidadania ateniense é uma das maiores referências democráticas, afinal garantia igualdade de participação política para aqueles que eram considerados cidadãos. O poder não era centralizado. O

debate era público e a condução da sociedade era feita democraticamente.

Hoje em dia, nos Estados democráticos, a cidadania expandiu-se. No Brasil, a Constituição de 1988 assegura cidadania a todas as pessoas nascidas e naturalizadas no país. Assim, todos são livres para votar, candidatar-se a cargos públicos, protestar, acionar órgãos de justiça, expressar-se (com responsabilidade), andar livremente pelo território nacional e concorrer a vagas em escolas, universidades públicas e postos de trabalho. Além disso, todos têm direito a aposentadoria, moradia, lazer, segurança, descanso semanal remunerado, entre outros. A liberdade e a autonomia, nos padrões atuais de cidadania, só existem quando tais direitos são garantidos. Um dos maiores problemas do Brasil, portanto, não é a ausência de direitos assegurados por lei, mas a desigualdade social que impede que grande parte dos brasileiros adquira os meios necessários para a vida livre e autônoma.

Como exemplo, podemos citar a discrepância entre a realidade e o que dizem os artigos 6º e 7º da Constituição de 1988:

Art. 6º – São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Art. 7º – São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

(...)

IV – salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim.

Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp>. Acesso em: nov. 2018.

Embora o conteúdo da lei seja esse, atualmente, na maior parte do Brasil, o salário mínimo não é suficiente para garantir o previsto na Constituição. Em agosto de 2018, o salário mínimo oficial era R\$ 954,00. Entretanto, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), órgão que pesquisa preços no mercado brasileiro e relaciona-os com o custo necessário para uma boa qualidade de vida, o salário mínimo brasileiro deveria ser, nesse mesmo período, R\$ 3.636,04. Em julho do mesmo ano, teria de estar em R\$ 3.804,06, afinal os preços estavam mais elevados, conforme a inflação. Além do salário mínimo ser insuficiente, há ainda grupos sociais que sequer têm acesso a ele. Uma pesquisa do IBGE de 2014 mostrou que as pessoas negras representavam 76% das que possuíam renda média de R\$130,00 por mês.

Liberdade: individualismo ou igualdade social?

LIBERDADE E INDIVIDUALISMO

O individualismo resulta da ideia de que o sujeito tem direito à total liberdade para realizar seus objetivos, interesses e desejos pessoais. A valorização da privacidade e da autodeterminação individual têm como consequência a oposição às tradições e à autoridade estabelecida pelo Estado e pelas instituições em geral. Nesse sentido, o indivíduo tem importância em si mesmo e a sociedade torna-se apenas um meio necessário para a realização pessoal.

O sistema capitalista potencializou o individualismo na medida em que acolheu a ideia de que as pessoas conquistam sucesso e dinheiro se tiverem vontade e interesse em alcançá-los pelas próprias capacidades. Isso está presente em diversas expressões utilizadas no cotidiano, como: “Você pode fazer melhor que isso”; “O trabalho dignifica o ser humano”; “Se você quiser, você consegue”. O individualismo insere no sujeito toda a responsabilidade para que ele atinja o progresso, desconsiderando as condições econômicas e sociais às quais ele pertence.

O individualismo inscreve-se nas ideologias que são tradicionalmente classificadas de **direita**, como é o caso do liberalismo econômico e, mais recentemente, do neoliberalismo. Elas se fundamentam, principalmente, na busca da máxima eficiência na economia. Nelas, os indivíduos serão mais livres quanto menor for a intervenção do Estado na sociedade, sobretudo nos serviços públicos. Com isso, defendem um Estado que tenha poucos gastos e seja pouco interventor ou até mesmo mínimo, reduzido apenas a manter a lei e a ordem, mediar conflitos entre os indivíduos, garantir os contratos estabelecidos e dar condições para a realização da felicidade individual. A atuação do Estado é considerada invasiva à liberdade individual e compete ao mercado e à cultura autorregular-se por meio de acordos firmados diretamente entre os indivíduos. Assim, por exemplo, contratos de trabalho devem ser realizados diretamente entre patrão e empregado, sem leis trabalhistas que imponham regras, e os serviços públicos devem ser entregues à iniciativa privada.

No campo social, governos desse tipo veem a desigualdade da sociedade como algo natural e sem solução. Por isso, acreditam que o Estado não deve agir para combatê-las e que mudanças em relação a questões desse tipo devem partir da iniciativa individual. Criticam as ideologias ditas de esquerda justamente por acreditarem que políticas públicas que visam diminuir a desigualdade podem suplantam a vontade do indivíduo. Então, por exemplo, pessoas do campo da direita costumam ser contra as cotas em universidades e a educar crianças e adolescentes sobre questões de gênero nas escolas, pois acham que cabe aos próprios indivíduos deixarem de ser racistas, machistas ou homofóbicos. Na verdade, nessa visão de mundo, os preconceitos em si não são um problema, desde que não interfiram nas liberdades individuais.

ROTEIRO DE AULA

LIBERDADE E DETERMINISMO

Determinismo

Princípio segundo o qual a existência dos indivíduos é determinada por entes independentes deles, como Deus, o Universo ou a própria genética humana.

Existencialismo e liberdade

Apesar de existirem condicionamentos sociais (modos de agir, pensar e sentir que aprendemos durante a nossa vida em sociedade), todos são livres.

Não há essência que nos define, mas apenas as nossas escolhas e ações ao longo da nossa existência. É necessário, portanto, a tomada de consciência sobre a ela.

Relação entre liberdade, individualismo e responsabilidade

A liberdade não se define na individualidade, mas no coletivo. Apenas concretizamos nossa liberdade quando assumimos responsabilidades perante as consequências de nossas ações. Assim, ser racista não é um ato de liberdade, mas de irresponsabilidade, porque ignora a condição de igualdade e impede a vida livre da vítima.

ROTEIRO DE AULA

LIBERDADE E POLÍTICA

Liberalismo

Corrente política surgida no século XVII que defende o Estado como uma entidade que deve garantir os direitos fundamentais e inalienáveis dos seres humanos, como a vida, a liberdade e a propriedade. Por meio de um contrato social, os indivíduos devem estabelecer uma relação de respeito às leis coletivas e aceitarem de comum acordo que o bem privado depende do bem público.

Marxismo

Corrente política que defende que a igualdade social se dá com o fim das sociedades fundamentadas em classes. A liberdade advém da inexistência da exploração entre os indivíduos e não apenas da garantia de direitos. Para essa corrente, caso ainda existam patrões e empregados, capitalistas e proletários, acumuladores de lucro e assalariados, a desigualdade social sempre existirá. É necessária, então, uma organização social que não se fundamente na exploração entre classes.

Kant

A liberdade depende de sujeitos autônomos, que saibam respeitar as regras universais (imperativos categóricos) e saibam pensar com base em regras não individualistas (imperativos hipotéticos). Essa é a dimensão ética da liberdade.

Cidadania

Concepção contemporânea de que a liberdade depende da atividade política de cidadãos e cidadãs. A cidadania ativa, que se define pelo conhecimento das necessidades individuais e sociais bem como pela luta para conquistá-las, é fator-chave para a qualidade de vida. A participação política é necessária para criar uma sociedade em que, de fato, possa existir igualdade.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unioeste-PR

Que significa dizer que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiro existe, se encontra, surge no mundo, e que se define depois. O homem, tal como o existencialista o concebe, se não é definível, é porque de início ele não é nada. Ele só será em seguida, e será como se tiver feito. Assim, não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la. O homem é não apenas tal como ele se concebe, mas como ele se quer, e como ele se concebe depois da existência, como ele se quer depois desse impulso para a existência, o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. Tal é o primeiro princípio do existencialismo. É também o que se chama a subjetividade, e que nos reprovam sob esse mesmo nome [...].

Mas, se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que ele é. Assim, o primeiro passo do existencialismo é colocar todo homem de posse daquilo que ele é e fazer cair sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E, quando nós dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é responsável por sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens.

(SARTRE. O existencialismo é um humanismo. In: MARÇAL, Jairo (Org.). *Antologia de textos filosóficos*. SEED: Curitiba, 2009. p. 619-620.)

Considerando os excertos da obra *O existencialismo é um humanismo*, assinale a alternativa que está de acordo com o pensamento de Sartre.

- a) O homem, ao nascer, já se encontra determinado e nada poderá fazer para mudar essa condição, que é própria da natureza humana.
- b) O homem é livre. Ele faz suas próprias escolhas e, ao fazê-las, torna-se o principal responsável por elas e por suas consequências para si mesmo e para os demais.**
- c) As escolhas do indivíduo nada têm a ver com os demais e em nada interferem na relação com esses, ou seja, não é possível responsabilizar o sujeito por suas escolhas e pelo modo como afetam os demais.
- d) A razão para a existência do homem é a busca de bens materiais. Quanto mais o sujeito possuir, mais livre poderá ser considerado.
- e) Sartre é um defensor do existencialismo cristão e defende que a essência do homem está em Deus.

Segundo Sartre, não há determinismos que definem a essência dos seres humanos, como Deus e destino. A essência é definida pela própria existência, conforme as ações feitas ao longo dela. O ser humano, portanto, está "condenado a ser livre". Como consequência da liberdade, existe a responsabilidade perante a existência e as consequências das ações.

2. UNESP

Texto 1

Estamos em uma situação aterradora: dos lados da direita e da esquerda há ausência de pensamento. Você conversa com alguém da direita e vê que ele é capaz de dizer quatro frases contraditórias sem perceber as contradições. Você conversa com alguém da extrema esquerda e vê o totalitarismo que também opera com a ausência do pensamento. Então nós estamos ensanduichados entre duas maneiras de recusar o pensamento.

(CHAUÍ, Marilena. Sociedade brasileira: violência e autoritarismo por todos os lados. *Cult*, fev. 2016. Adaptado.)

Texto 2

O fenômeno dos coletivos é um traço regressivo no embate com a solidão do homem moderno. É uma tentativa, canhestra e primitiva, de "voltar ao útero materno" para ver se o ruído insuportável da realidade disforme do mundo se dissolve porque grito palavras de ordem ou faço coisas pelas quais eu mesmo não sou responsabilizado, mas sim o "coletivo", essa "pessoa" indiferenciada que não existe.

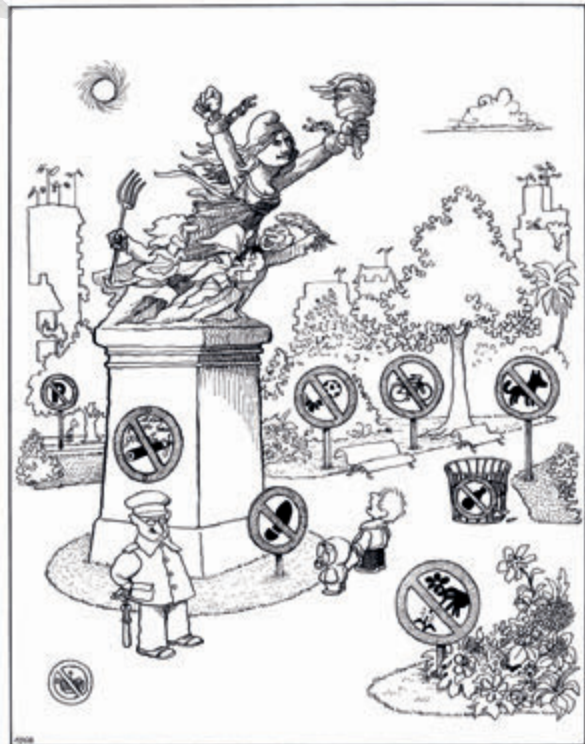
(PONDÉ, Luiz Felipe. Sapiens x abelhas. *Folha de S. Paulo*, 23 maio 2016. Adaptado.)

Sobre os textos, é correto afirmar que

- a) os textos 1 e 2 criticam o individualismo moderno, enfatizando a importância da valorização das tradições populares e comunitárias.
- b) os textos 1 e 2 criticam as tendências totalitárias no campo da consciência política, em seus aspectos irracionistas e psicológicos.**
- c) os textos 1 e 2 analisam um fenômeno que espelha a realização dos ideais iluministas de autonomia do indivíduo e de emancipação da humanidade.
- d) os textos 1 e 2 valorizam a importância do sentimento e das emoções como meios de agregação dos indivíduos no interior de coletividades políticas.
- e) o texto 1 critica a alienação da consciência política, enquanto o texto 2 valoriza a inserção dos indivíduos em coletivos.

Ambs criticam um tipo de liberdade fundamentado na imposição de ideias, portanto de acentuado individualismo, que é irresponsável e não democrático.

3. UNESP – Examine a charge do cartunista argentino Quino (1932-).



(QUINO. *Potentes, prepotentes e impotentes*, 2003.)

A charge explora, sobretudo, a oposição

- a) inocência × malícia.
- b) público × privado.
- c) progresso × estagnação.
- d) natureza × cidade.
- e) liberdade × repressão.**

A imagem mostra um parque que possui, ao mesmo tempo, uma estátua simbolizando a liberdade e diversas placas proibitivas. A charge explora, portanto, a relação entre liberdade e restrição de liberdade.

4. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

Kant, mesmo que restrito à cidade de Königsberg, acompanhou os desdobramentos das Revoluções Americana e Francesa e foi levado a refletir sobre as convulsões da história mundial. Às incertezas da Europa plebeia, individualista e provinciana, contrapôs algumas certezas da razão capazes de restabelecer, ao menos no pensamento, a sociabilidade e a paz entre as nações com vista à constituição de uma federação de povos – sociedade cosmopolita.

(ANDRADE, R. C. Kant: a liberdade, o indivíduo e a república. In: WEFORT, F. C. (Org.). *Clássicos da política*. v. 2. São Paulo: Ática, 2003. p. 49-50. Adaptado.)

Com base nos conhecimentos sobre a Filosofia Política de Kant, assinale a alternativa correta.

- a) A incapacidade dos súditos de distinguir o útil do prejudicial torna imperativo um governo paternal para indicar a felicidade.
- b) É chamado cidadão aquele que habita a cidade, sendo considerados cidadãos ativos também as mulheres e os empregados.
- c) No Estado, há uma igualdade irrestrita entre os membros da comunidade e o chefe de Estado.
- d) Os súditos de um Estado Civil devem possuir igualdade de ação em conformidade com a lei universal da liberdade.**
- e) Os súditos estão autorizados a transformar em violência o descontentamento e a oposição ao poder legislativo supremo.

Segundo Kant, a liberdade política se exerce quando todos são reconhecidos em igualdade para manifestarem seus juízos racionais sobre o mundo. Isso exige responsabilidade perante as próprias ações, especialmente porque a liberdade não se cria no individualismo, mas em sua dimensão coletiva.

5. Unioeste-PR

Na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant apresenta uma formulação do imperativo categórico: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”.

(KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 129.)

Em relação ao pensamento de Kant, é correto afirmar:

- a) O propósito do imperativo categórico é o de permitir que o indivíduo decida suas ações sem que tenha que se preocupar com os demais.
- b) O imperativo categórico tem por objetivo desfazer o conflito entre a providência divina, relacionada à cidade de Deus, e o espaço terreno.
- c) O imperativo categórico vincula a conduta moral a uma norma universal.**
- d) Para Kant, não é possível que o indivíduo constitua um fim em si mesmo. Por isso mesmo, ele precisa espelhar-se na ação dos demais para a sua ação.
- e) O imperativo categórico corresponde à condição do estado de natureza, que é anterior à instituição do Estado civil.

Ao vincular a conduta moral a uma norma universal, o imperativo categórico kantiano exige a responsabilidade como parte fundamental da liberdade dos indivíduos. Além disso, combate o individualismo ao atrelar a liberdade à coletividade. Essa é uma condição necessária para a autonomia e para a cidadania.

6. Unicentro-PR

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia [de H. Becker – NV], se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar; mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado.

(ADORNO, 1995, p. 141-142.)

De acordo com o texto e os conhecimentos sobre conhecimento e educação, é correto afirmar:

- a) A democracia funcionará em sua forma conceitual no momento em que o processo educacional buscar a emancipação do indivíduo.**
- b) A formação de uma consciência crítica contribui de forma inexpressiva para a emancipação do indivíduo.
- c) O processo educacional deverá modelar indivíduos, tornando-os aptos para a vida em sociedade.
- d) A forma mais efetiva de transmissão do conhecimento se dá por meio da repetição.
- e) A emancipação do indivíduo se dá unicamente por meio da política.

A democracia depende da cidadania ativa, de indivíduos esclarecidos sobre suas condições enquanto sujeitos históricos e da necessidade de romper com desigualdades sociais. Depende também da compreensão da atividade como criadora da história, e não de um destino determinista que impeça a ação. Depende, ainda, de uma noção de liberdade não individualista. A “modelação” de indivíduos, ou a formação apenas tecnicista, limita a compreensão da realidade e favorece uma cidadania passiva.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unimontes-MG – Os conceitos de moral e ética, ainda que diferentes, são frequentemente usados como sinônimos. No entanto, algumas diferenças podem ser estabelecidas. Sobre esse assunto, podemos afirmar que

- a) a moral é universal, não se relaciona com os costumes e é relativa. Por sua vez, a ética é particular e não extrapola o âmbito da cultura, religião e posições pessoais.

b) a moral relaciona-se aos costumes e é fixa. Por sua vez, a ética depende de cada um e extrapola o âmbito da cultura, religião e posições pessoais.

c) a moral relaciona-se aos costumes e é relativa. Por sua vez, a ética depende dos desejos, não é universal e não extrapola o âmbito da cultura, religião e posições pessoais.

d) a moral relaciona-se aos costumes e é relativa. Por sua vez, a ética é universal e extrapola o âmbito da cultura, religião e posições pessoais.

8. UNESP

HU On-Line – A medicalização de condutas classificadas como “anormais” se estendeu a praticamente todos os domínios de nossa existência. A quem interessa a medicalização da vida?

Sandra Caponi – A muitas pessoas. Em primeiro lugar ao saber médico, aos psiquiatras, mas também aos médicos gerais e especialistas. Interessa muito especialmente aos laboratórios farmacêuticos que, desse modo, podem vender seus medicamentos e ampliar o mercado de consumidores de psicofármacos de modo quase indefinido. Porém, esse interesse seria irrelevante se não existisse uma demanda social que aceita e até solicita que uma ampla variedade de comportamentos cotidianos ingresse no domínio do patológico. Um exemplo bastante óbvio é a escola. Crianças com problemas de comportamento mais ou menos sérios hoje recebem rapidamente um diagnóstico psiquiátrico. São medicadas, respondem à medicação e atingem o objetivo social procurado. Essas crianças que tomam ritalina ou antipsicóticos ficam mais calmas, mais sossegadas, concentradas e, ao mesmo tempo, mais tristes e isoladas.

(Disponível em: <www.ihuonline.unisinos.br>. Adaptado.)

Podemos considerar como uma importante implicação filosófica da medicalização da vida

- a) a incorporação do conhecimento científico como meio de valorização da autonomia emocional e intelectual.
- b) a institucionalização de procedimentos de análise e de cura psiquiátrica absolutamente objetivos e eficientes.
- c) a proliferação social de conhecimentos e procedimentos médicos que pressupõem a patologização da vida cotidiana.
- d) a contribuição eticamente positiva da psiquiatria do comportamento infantil e juvenil na esfera pedagógica.
- e) o caráter neutro do progresso científico em relação a condicionamentos materiais e a demandas sociais.

9. UEG-GO – Considerando algumas tendências sociológicas e filosóficas no pensamento contemporâneo, observam-se algumas correntes que fazem uma crítica da razão em seus fundamentos, nos seguintes termos:

- a) O existencialismo faz uma crítica aos grandes sistemas metafísicos e racionais enfatizando a singularidade da condição humana e sua irreducibilidade aos sistemas.
- b) O pensamento hegeliano contesta a possibilidade de uma razão pura ou razão prática que dê conta de abarcar a totalidade da realidade natural e social no nível epistemológico.
- c) O marxismo rejeita a razão e seus sistemas metafísicos enfatizando que o homem é um ser dominado por desejos e paixões, não necessitando da razão para realizar a transformação social.
- d) O pensamento nietzschiano realiza uma crítica à razão estabelecendo que a fé deve orientar o homem para uma vida justa e feliz, sob a tutela dos dogmas da igreja cristã.
- e) O existencialismo, o marxismo e Nietzsche negam a capacidade da razão de, por si só, resolver as contradições que dilaceram a existência humana e a sociedade.

10. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

A ética como parte da Filosofia e como reflexão sobre as questões morais pretende desdobrar conceitos e argumentos que permitam compreender a dimensão moral da pessoa humana.

(CORTINA, A.; MARTÍNEZ, E. *Ética*. Trad. Silvana C. Leite. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9. Adaptado.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre ética, assinale a alternativa correta.

- a) A ética é um tipo de saber que diz respeito à reflexão sobre as diferentes morais e as diferentes maneiras de justificar racionalmente a vida moral.
- b) A ética é um saber descritivo que se ocupa em averiguar o que acontece de fato no mundo, quais são as causas objetivas e o que são tais acontecimentos.
- c) A Filosofia Moral limita-se a analisar os componentes psicológicos, sociológicos e econômicos da ação humana nos casos concretos em que a moral é solicitada.
- d) A tarefa do saber ético consiste em prescrever ações seguras e concretas que os seres humanos devem adotar para conduzir diariamente suas vidas.
- e) Compete aos especialistas em ética ditar, frente à diversidade de doutrinas, os juízos morais, as regras definitivas, corretas e válidas para todos.

11. Enem

C5-H24

Uma norma só deve pretender validade quando todos os que possam ser concernidos por ela cheguem (ou possam chegar), enquanto participantes de um discurso prático, a um acordo quanto à validade dessa norma.

(HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.)

Segundo Habermas, a validade de uma norma deve ser estabelecida pelo(a)

- a) liberdade humana, que consagra a vontade.
- b) razão comunicativa, que requer um consenso.
- c) conhecimento filosófico, que expressa a verdade.
- d) técnica científica, que aumenta o poder do homem.
- e) poder político, que se concentra no sistema partidário.

12. Unioeste-PR (adaptado) – Considerando o pensamento sartreano, é incorreto afirmar que

- a) o valor máximo da existência humana é a liberdade, porque o homem é, antes de mais nada, o que tiver projetado ser, estando “condenado a ser livre”.
- b) totalmente posto sob o domínio do que ele é, ao homem é atribuída a total responsabilidade pela sua existência e, sendo responsável por si, é também responsável por todos os homens.
- c) o existencialismo sartreano é uma moral da ação, pois o homem se define pelos seus atos e atos, por excelência, livres, ou seja, o “homem não é nada além do conjunto de seus atos”.
- d) o homem é um “projeto que se vive subjetivamente”, pois há uma natureza humana previamente dada e predefinida, e, portanto, no homem, a essência precede a existência.
- e) por não haver valores preestabelecidos, o homem deve inventá-los através de escolhas livres, e, como escolher é afirmar o valor do que é escolhido, que é sempre o bem, é o homem que, através de suas escolhas livres, atribui sentido a sua existência.

13. Unicentro-PR – Discutir política é o mesmo que refletir acerca do poder. Esse pressupõe dois polos: o de quem exerce e sobre quem o poder é exercido.

Acerca dessa polaridade, pode-se afirmar:

- a) A manifestação do poder nos estados teocráticos advém das monarquias hereditárias.
- b) Nos governos aristocráticos, a legitimação do poder dá-se por meio da intervenção de Deus.
- c) O amplo debate institucional é uma característica essencial do poder em um governo militar.
- d) O consenso popular regula e legitima o poder nos regimes democráticos.
- e) As manifestações de poder autoritário e centralizador é a característica fundamental do liberalismo.

14. Unioeste-PR – Leia o texto a seguir:

“Quando, na mesma pessoa ou no mesmo corpo de Magistratura, o Poder Legislativo é reunido ao Executivo, não há liberdade. Porque pode temer-se que o mesmo Monarca ou mesmo o Senado faça leis tirânicas para executá-las tiranicamente. Também não haverá liberdade se o Poder de Julgar não estiver separado do Legislativo e do Executivo. Se estivesse junto com o Legislativo, o poder sobre a vida e a liberdade dos cidadãos seria arbitrário: pois o Juiz seria o Legislador. Se estivesse junto com o Executivo, o Juiz poderia ter a força de um opressor. Estaria tudo perdido se um mesmo homem, ou um mesmo corpo de principais ou nobres, ou do Povo, exercesse estes três poderes: o de fazer as leis; o de executar as resoluções públicas; e o de julgar os crimes ou as demandas dos particulares.”

(MONTESQUIEU. *O espírito das leis: as formas de governo, a federação, a divisão dos poderes*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 67-68.)

Considerando o fragmento acima e o pensamento do filósofo Montesquieu, indique qual das alternativas abaixo está correta.

- a) Montesquieu apresenta a “teoria dos três poderes” como mecanismo de reformulação das instituições políticas, sobretudo devido aos problemas advindos dos regimes democráticos.
- b) Dentre as três formas de governo apresentadas em seu livro, *Do espírito das leis* – a democracia, a aristocracia e a monarquia – Montesquieu defende que o governo deva ser despótico, justamente para garantir um Estado forte, em que não haja interferência de um poder em relação ao outro.
- c) Considerando o papel dos três poderes, executivo, legislativo e judiciário, Montesquieu destaca o poder judiciário como o mais importante dos três, sobretudo na medida em que tal poder deverá garantir que os problemas propostos sejam resolvidos à luz da lei, mesmo que para isso os juizes tenham que criar ou fazer alterações nas leis vigentes para garantir um Estado forte.
- d) Montesquieu propõe um sistema de freios e contrapesos; isso significa que, mesmo propondo a divisão dos três poderes, deve haver um equilíbrio entre os poderes.
- e) Em sua obra *O espírito das leis*, a principal preocupação de Montesquieu é explicar como se estabelece o pacto social, de modo que, por meio dele, os indivíduos abram mão de sua liberdade no estado de natureza para garanti-la no Estado civil.

15. Unioeste-PR – Considerando os acontecimentos recentes da conjuntura política brasileira e a relação entre os conceitos de “poder” e “política”, é incorreto afirmar:

- a) Atividades políticas são apenas aquelas praticadas pelos políticos profissionais, como deputados e vereadores.
- b) Atividades “políticas” não se resumem a participar de partidos políticos e eleições, nem ao ato de votar.
- c) Opiniões expressas em mídias impressas ou digitais sobre os governos locais ou nacionais são políticas.
- d) O poder não se restringe às atividades relacionadas diretamente com o Estado e suas diversas instituições.
- e) Quando alguém famoso – ator, cantor, atleta – expressa sua opinião sobre o governo, está participando da política.

16. UNESP

É esse o sentido da famosa formulação do filósofo Kant sobre o imperativo categórico: “Aja unicamente de acordo com uma máxima tal que você possa querer que ela se torne uma lei universal”. Isso é agir de acordo com a humanidade, em vez de agir conforme o seu “euzinho querido”, e obedecer à razão em vez de obedecer às suas tendências ou aos seus interesses. Uma ação só é boa se o princípio a que se submete (sua “máxima”) puder valer, de direito, para todos: agir moralmente é agir de tal modo que você possa desejar, sem contradição, que todo indivíduo se submeta aos mesmos princípios que você. Não é porque Deus existe que devo agir bem; é porque devo agir bem que posso necessitar – não para ser virtuoso, mas para escapar do desespero – de crer em Deus. Mesmo se Deus não existir, mesmo se não houver nada depois da morte, isso não dispensará você de cumprir com o seu dever, em outras palavras, de agir humanamente.

(COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da filosofia*, 2002. Adaptado.)

O conceito filosófico de imperativo categórico é baseado no relativismo ou na universalidade moral? Justifique sua resposta. Explique o motivo pelo qual a ética kantiana dispensa justificativas de caráter religioso.

17. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

Habermas defende a tese de que a tolerância religiosa formulada no século XVI contribuiu para o surgimento da democracia e sua legitimação nas sociedades ocidentais. A

necessidade de vários credos religiosos ressaltou a importância da tolerância, seja por imperiosidade mercantilista, seja para garantir a lei e a ordem, seja por questões morais e éticas.

(VELLOSO, C. M. S.; AGRA, W. M. *Elementos de Direito Eleitoral*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2014. p. 23-24.)

Sobre a aproximação da tolerância religiosa e da democracia, considere as afirmativas a seguir.

- I. A democracia permite a convivência da diversidade e do mútuo respeito.
- II. A democracia legitima a ordem social por meio da participação e do debate público.
- III. A democracia organiza a sociedade e seus valores a partir de liderança carismática.
- IV. A democracia requer ordem e respeito por coação exercida em nome do Estado.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

ESTUDO PARA O ENEM**18. Enem****C5-H24**

A Justiça de São Paulo decidiu multar os supermercados que não fornecerem embalagens de papel ou material biodegradável. De acordo com a decisão, os estabelecimentos que descumprirem a norma terão de pagar multa diária de R\$ 20 mil, por ponto de venda. As embalagens deverão ser disponibilizadas de graça e em quantidade suficiente.

(Disponível em: <www.estadao.com.br>. Acesso em: nov. 2018. Adaptado.)

A legislação e os atos normativos descritos estão ancorados na seguinte concepção:

- a) Implantação da ética comercial.
- b) Manutenção da livre concorrência.
- c) Garantia da liberdade de expressão.
- d) Promoção da sustentabilidade ambiental.
- e) Enfraquecimento dos direitos do consumidor.

19. Enem**C3-H15**

Hoje, a indústria cultural assumiu a herança civilizatória da democracia de pioneiros e empresários, que tampouco desenvolvera uma fineza de sentido para os desvios espirituais. Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa.

(ADORNO, T; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.)

A liberdade de escolha na civilização ocidental, de acordo com a análise do texto, é um(a)

- a) legado social.
- b) patrimônio político.
- c) produto da moralidade.
- d) conquista da humanidade.
- e) ilusão da contemporaneidade.

20. Enem**C5-H23**

Uma sociedade é uma associação mais ou menos autossuficiente de pessoas que em suas relações mútuas reconhecem certas regras de conduta como obrigatórias e que, na maioria das vezes, agem de acordo com elas. Uma sociedade é bem ordenada não apenas quando está planejada para promover o bem de seus membros, mas quando é também efetivamente regulada por uma concepção pública de justiça. Isto é, trata-se de uma sociedade na qual todos aceitam, e sabem que os outros aceitam, o mesmo princípio de justiça.

(RAWLS, J. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Adaptado.)

A visão expressa nesse texto do século XX remete a qual aspecto do pensamento moderno?

- a) A relação entre liberdade e autonomia do Liberalismo.
- b) A independência entre poder e moral do Racionalismo.
- c) A convenção entre cidadãos e soberano do Absolutismo.
- d) A dialética entre indivíduo e governo autocrata do Idealismo.
- e) A contraposição entre bondade e condição selvagem do Naturalismo.

FILOSOFIA E ARTE: ESTÉTICA GREGA ANTIGA, MODERNA E CONTEMPORÂNEA

O termo “estética” é utilizado no cotidiano com o significado de beleza física ou ainda de harmonia de cores, formas, linhas etc. Ele se origina da palavra grega *aesthesis*, que significa “sensação” ou “percepção sensível”. Entretanto, na filosofia, a estética refere-se ao estudo do belo, de seus reflexos na criação artística e do gosto, sob uma perspectiva reflexiva e teórica. Ela busca compreender o que é beleza e qual é a função da arte para o ser humano. Refletir de forma crítica sobre arte e beleza, bem como sobre seus efeitos e funções psicossociais e emancipatórios, é essencial para compreender melhor o ser humano e sua relação com a sociedade.

Os conceitos de arte e belo

As diversas correntes filosóficas, teorias da arte e ciências humanas divergem em relação às inúmeras definições dos conceitos de arte e belo. Entretanto, há um ponto consensual, que é o que mais nos interessa neste módulo: arte e belo são expressões humanas.

Nessa perspectiva, a arte é vista como a expressão da ligação do ser humano consigo mesmo e com o mundo à sua volta: com o universo religioso, com o universo humano – em seus diversos aspectos – ou ainda com o universo natural.

Filosofia pré-socrática e clássica

Neste módulo, para tratar do conceito clássico de estética, concentraremos nossos estudos em dois filósofos gregos antigos: Xenófanes e Platão. O primeiro criticava a religião tradicional grega e mostrou a limitação da arte e do belo à sua expressão de adoração aos deuses. Já o segundo considerava o belo como algo dotado de uma essência verdadeira, apenas existente no mundo das ideias, de modo que as nossas interpretações do cotidiano sejam meras imitações imperfeitas – e a arte, a imitação da imitação.

XENÓFANES: ARTE E RELIGIÃO

Xenófanes, nascido por volta de 570 a.C., em Colofão (ou Cólófon), na Ásia Menor, decidiu deixar a terra natal em 545 a.C. e viver como errante nas cidades da Grécia. Foi o primeiro filósofo a tratar de um tema não restrito à cosmologia, entendida como o estudo da origem do universo e do princípio de todas as coisas. Com isso, transformou-se em um crítico da religião grega tradicional.

As produções artísticas desse período eram, na grande maioria, manifestações das crenças religiosas vigentes. Pinturas de deuses e heróis ilustravam os vasos cerâmicos; estátuas dedicadas aos senhores do Olimpo adornavam os templos; e a literatura de Hesíodo e Homero era a base tanto da religião quanto da identidade do povo grego. Assim, arte e religião estavam intimamente relacionadas.



Estátua de Xenófanes em frente ao Parlamento de Viena, na Áustria.

- Os conceitos de arte e belo
- Filosofia pré-socrática e clássica
- Rousseau: arte, belo e corrupção da civilização
- Kant: arte, belo e liberdade
- Schopenhauer: a arte sublime
- Escola de Frankfurt: arte como dominação e emancipação

HABILIDADES

- Compreender a arte e o belo como conceitos variáveis nas diversas sociedades.
- Reconhecer a arte como manifestação livre e responsável numa sociedade democrática.
- Reconhecer as diferentes funções da arte e do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.
- Analisar as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura

Xenófanes foi o primeiro a criticar essas crenças e a raiz delas. Segundo ele, tanto Homero quanto Hesíodo, em suas obras, projetaram um mundo de deuses antropomórficos e dotados de características humanas falhas, imorais e imperfeitas que não condiziam com os seres divinos. Esse fato é demonstrativo de que a religião tradicional grega era apenas uma criação humana e, portanto, composta de seres imbuídos de características de seus criadores.

Carolina Moreira Torres, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao analisar versos de obras de Xenófanes, comentou:

É necessário reconhecer a importante participação de Xenófanes, pois uma de suas mais famosas contribuições versa, de forma pioneira e crítica, sobre o antropomorfismo dos deuses:

"Os etíopes [dizem que seus deuses] são negros de nariz chato

os trácios [dizem serem] de olhos verdes e ruivos. [...]

Mas se tivessem mãos os bois, [os cavalos] e os leões, quando pintassem com as mãos e compusessem obras como os homens, cavalos como cavalos, bois semelhantes aos bois pintariam a forma dos deuses e fariam corpos tais como fosse o próprio aspecto [de cada um]."

TORRES, Carolina Moreira. Xenófanes de Colôvão: a natureza divina como limite para o conhecimento. *Anais de Filosofia Clássica*, v. 10, n. 19, 2016.

Xenófanes, além de estabelecer críticas à religião tradicional grega, essencialmente antropomórfica e imbuída de falhas humanas, também criticou o uso das artes, mostrando o quanto elas e o belo acabavam sendo limitados pela adoração aos deuses. O filósofo não se mostra avesso às divindades, mas pensava sobre a existência de um deus uno, não gerado e imortal, em uma concepção mais próxima à filosofia racional, distante do pensamento religioso.

Por criticar as artes e a expressão do belo como adorações de religiões antropomórficas, derivadas de pensamentos humanos e distantes da verdade divina, Xenófanes foi pioneiro na emancipação da estética de limitações religiosas.

PLATÃO: BELO COMO IDEIA, ARTE COMO MÍMESIS

No cotidiano, aplicamos juízos de valor estético a objetos tão distintos entre si que fica difícil chegar a uma conclusão do que seja a beleza ou de quais sejam as características que fazem algo ser considerado belo. Dizemos que uma paisagem é bela, assim como dizemos que uma pessoa, uma roupa ou uma pintura são belas. Entretanto, são belezas distintas que possuem naturezas diferentes e que causam sentimentos diversos em quem as observa.

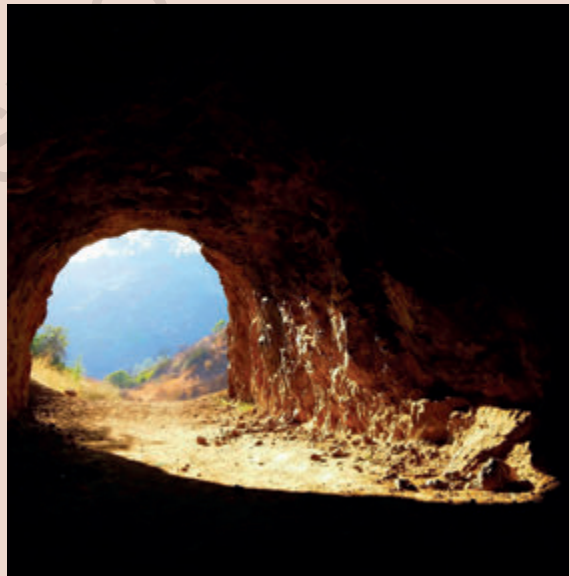
Além disso, a beleza nem sempre está atrelada à arte. Uma paisagem, por exemplo, não é considerada arte por não ser produzida pelo ser humano, ainda que seja algo passível de juízo estético. Já um quadro pode facilmente receber a classificação de arte, independentemente de sua beleza.

Observações como essas levaram o filósofo grego Platão a investigar o que faz algum objeto, alguém ou algum lugar serem considerados belos.

Para compreender a conclusão platônica sobre isso, é preciso lembrar da teoria, já estudada em módulos passados, que ficou conhecida como a teoria das ideias ou das formas.

Segundo Platão, existem dois mundos distintos: o mundo sensível e o mundo das ideias. O primeiro designa o mundo no qual vivemos, composto de objetos múltiplos, mutáveis e perecíveis. Trata-se de um mundo formado por imperfeições, já que tudo o que existe são cópias imperfeitas do que existe no segundo mundo: o das ideias. Nesse outro mundo, habitam as ideias perfeitas de todas as coisas, pois ele é composto de ideias unas, imutáveis e eternas.

O Mito da Caverna - as duas realidades de Platão



TIMI HUSSER/ISTOCKPHOTO

O Mito da Caverna, ou Alegoria da Caverna, é uma passagem da obra *A República*, de Platão. Nela, o autor lança mão de uma metáfora para mostrar como a verdade, percebida na realidade inteligível, ou seja, pela razão (no mundo das ideias), pode libertar-nos do obscurantismo ao qual estamos submetidos pela realidade sensível/visível (percebida pelos sentidos), que nos mantém aprisionados. A partir dessas duas realidades, a inteligível e a sensível, o filósofo discute a teoria do conhecimento, da linguagem e da educação na formação de um estado considerado, por ele, como ideal.

Em sua famosa alegoria, Platão descreve a vida de pessoas que vivem presas em uma caverna, sem nunca terem estado do lado de fora, posicionadas de costas para a entrada e tendo em seu campo de visão apenas uma parede que reflete sombras de estátuas projetadas pela luz de uma fogueira. Assim era o mundo desses indivíduos. Até que, um dia, um dos habitantes da caverna consegue sair e, aos poucos, à medida que seus olhos se recuperam da cegueira provocada pela luz do sol, ele passa a vislumbrar um mundo diferente daquele projetado na parede. Para chegar até o mundo externo, porém, o caminho não foi fácil. Ao contrário, mostrou-se cheio de obstáculos e riscos. Ao voltar para o interior da caverna, também por caminhos tortuosos, ele narra aos outros o que havia presenciado. Entretanto, seus companheiros não aceitam o que ouvem e decidem matá-lo por acreditarem que ele estava distorcendo suas antigas certezas.

Com essa metáfora, Platão mostra que o ser humano deve buscar o mundo da verdade por intermédio do conhecimento para atingir a ideia do bem, do belo e do justo, mesmo que essa busca pela realidade inteligível se mostre repleta de dificuldades, a exemplo da jornada rumo ao lado de fora da caverna. Para o filósofo, temos que deixar o mundo sensível/visível que nos aprisiona – as sombras projetadas na parede – e nos dedicar ao mundo inteligível percebido pela razão – o exterior iluminado.

Como podemos compreender a partir do Mito da Caverna, o belo está associado ao conceito das ideias de todas as coisas, e não às cópias imperfeitas produzidas no mundo sensível. E como podemos acessar essas ideias perfeitas? A partir de determinado uso da razão que nos permita alcançar a verdadeira essência de todas as coisas. Podemos alcançá-la porque essas ideias encontram-se acessíveis quando há o uso adequado da razão. Esse é um dos motivos que levaram Platão a creditar à filosofia o acesso aos verdadeiros conhecimentos, sendo necessária, inclusive, a figura do Rei Filósofo como governante das sociedades, de acordo com o pensador.

Vale ressaltar que a ideia perfeita das coisas sempre está associada à ideia do bom e do justo. É, portanto, impossível que aquilo que se associe com injustiças seja belo. Podemos notar, portanto, que os nossos sentidos podem nos enganar, assim como crenças, costumes e até mesmo o uso imperfeito de nossa razão. A educação e o conhecimento, segundo Platão, são necessários para perceber o verdadeiro belo e não se iludir com interpretações imperfeitas.

Nesse contexto filosófico, o que é a arte? Segundo Platão, arte é mimesis, imitação da imitação. Obras de arte são cópias de cópias, já que a produção artística só é capaz de reproduzir o mundo sensível. Uma obra de arte é a imitação da cópia imperfeita de uma ideia perfeita. A crítica à arte e a sua negação são tão radicais que Platão afirma, em *A República*,

que seria necessário expulsar os artistas das cidades. Ele explica que, como a atividade artística está na direção oposta da verdade, já que depende dos sentimentos e das sensações, e não do uso da razão, a produção e o culto das artes induz, portanto, à ilusão e ao caminho oposto do belo, do justo e do bom. Em outras palavras, a arte desvia as pessoas do caminho das ideias.

As fábulas, segundo Platão, podem ser produzidas de maneira não artística e, assim, aproximarem-se de um uso específico da razão, especialmente para a educação de crianças. Por serem normativas e repletas de discursos morais, as boas fábulas colocam as crianças diante de verdades, enquanto as más fábulas colocam-nas diante de alegorias. Como as crianças não distinguem verdades de alegorias, é necessário inibi-las das más fábulas, que podem afastar quem as recebe da ideia verdadeira das coisas. Por outro lado, é preciso valorizar as boas fábulas, orientadoras do alcance do bom uso da razão.

Platão analisou as fábulas de Hesíodo e Homero, no mesmo caminho de Xenófanes, encontrando nelas diversos elementos que não deveriam ser compartilhados com as crianças. Entre as suas conclusões sobre os elementos que as fábulas não deveriam conter, pode-se citar os seguintes:

- Cronos castigando injustamente e cruelmente o próprio pai.
- Tramoias entre os deuses, que armam ciladas até entre parentes e amigos.
- Falsa imagem de deus.
- Deuses mentindo.
- Não temperança.
- Ganância.
- Imitação e papel duplo – ora bom, ora mau – de alguns deuses.

Durante a Idade Média, a arte tornou a ser um meio de expressar o divino e, com isso, as escolas de pensamento, como a patrística e a escolástica, que mantinham o conhecimento filosófico atrelado aos valores religiosos, não consideraram as questões relativas ao belo. Como consequência, esse período ofereceu poucas reflexões sobre o assunto, atendo-se mais às questões sobre fé, razão e expressão divina. É apenas no século XVII, com o Renascimento, que os conceitos de arte e belo voltaram a ser tratados pela filosofia ocidental com maior intensidade.

Rousseau: arte, belo e corrupção da civilização

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), em sua obra *Discurso sobre as ciências e as artes* (1750), destacou os aspectos negativos das ciências e da arte renascentistas, cujos avanços, segundo ele, estavam acom-

panhados da corrupção moral da sociedade europeia. Na contramão de seus pares iluministas, que estavam encantados com as descobertas científicas do Renascimento e creditando à razão o poder de esclarecimento e deciframento do mundo, Rousseau observava que, ao lado dos discursos de apogeu da razão e da intelectualidade humanas, havia uma Europa com extremas desigualdades sociais. Ele notou que a ciência e as artes enriqueciam apenas uma elite que pouco intervinha para a redução da pobreza. Os gostos moldaram-se conforme os ditames da arte, as ciências começaram a ser exaltadas mais do que a virtude moral e, assim, homens corruptos transformavam-se em homens “cultos” e de “bom gosto”.

A crítica rousseauiana não foi acolhida por seus contemporâneos, mas foi fundamental, quase um século depois, para que filósofos e cientistas se debruçassem sobre a crítica da sociedade racional e civilizada que, ao mesmo tempo, era promotora de desigualdades sociais. Rousseau também influenciou a crítica à arte e à ciência, instrumentos humanos tão importantes, mas que vinculavam-se à decomposição moral e aos problemas sociais, políticos e econômicos – até então não observados apropriadamente.

Kant: arte, belo e liberdade

Segundo Immanuel Kant (1724-1804), a arte é uma manifestação e produção humana que tem a liberdade como condição de origem. Essa concepção está relacionada com a preocupação kantiana de utilizar a razão e a filosofia para garantir a liberdade dos sujeitos, o que é típico do Iluminismo.

Essa definição kantiana de arte, atrelada fortemente à ideia de liberdade, influenciou a definição do ser humano e da sua originalidade estética, assim como a percepção do belo como uma categoria do observador, e não do observado.

Assim, para Kant, o belo não deriva de uma característica de beleza intrínseca ao objeto observado nem de um raciocínio ou geração de conhecimento. É a experiência estética que atribui o juízo do belo. O pensador formula, então, o conceito de **juízo de gosto**, que consiste no julgamento estético de um objeto, ou seja, conferir-lhe ou não o atributo de ser belo.

Para distinguir se algo é belo ou não, referimos à representação, não pelo entendimento ao objeto em vista do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação (talvez ligada ao entendimento) ao sujeito e ao seu sentimento de prazer ou desprazer. O juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação *não* pode ser *senão* subjetivo.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. p. 47-48.

LEITURA COMPLEMENTAR



RICARDO COHEN/SHUTTERSTOCK

O grafite desperta experiências estéticas antagônicas: é ou não é arte?

A prática do **grafite** ou **graffiti** – que provém do latim *graffiti* e do grego *graphein* – remonta aos tempos do Império Romano, quando já se encontravam marcas gravadas em paredes. Estes caracteres impressos em locais não definidos para esse fim, particularmente nos espaços públicos, normalmente sob a forma de caligrafias ou de imagens pintadas ou esculpidas, constituem os grafites. [...]

O *graffiti* é mais uma expressão dos movimentos culturais que florescem nas ruas, os quais também incluem o *hip-hop* e o *rap* na esfera musical, e o *breakdance* na dança.

Até hoje esta discussão provoca controvérsias. Será o *graffiti* apenas um ato contraventor ou uma modalidade artística? Durante um longo tempo esta técnica permaneceu à margem da arte, vista apenas como algo ilegítimo, sendo assim confundida com a pichação. Hoje, porém, esta concepção vem se transformando. Alguns de seus praticantes, provindos do universo da *street art* ou arte urbana, são agora considerados interventores do espaço urbano, canalizando o potencial destas áreas abertas para transmitir uma linguagem artística intencional. Embora algumas pessoas ainda considerem estes artífices como simples pichadores. [...]

A técnica do *graffiti* se disseminou pelo planeta a partir de Maio de 1968, durante os movimentos contraculturais que abalaram o mundo, principalmente Paris. Nesta época, a utilização de paredes para a gravação de mensagens de natureza política e artística foi fundamental para os movimentos insurrecionistas. A partir daí esta forma de arte interativa foi se espalhando pelo Ocidente, fixando-se no âmbito das culturas e experiências mais variadas, adquirindo aos poucos o estatuto artístico que a distinguiria de técnicas contraventoras. Hoje o *graffiti* atravessou o limiar das galerias de arte, deixando de ser uma prática restrita apenas às ruas das cidades.

SANTANA, Ana Lucia. *Graffiti*. Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/artes/graffiti-grafite/>>. Acesso em: maio 2019.

Schopenhauer: a arte sublime

Arthur Schopenhauer (1788-1860) é natural de Danzig, na Prússia, atual Polônia. Mudou-se ainda jovem para Weimar, na atual Alemanha, onde entrou em contato com grandes artistas da época, como o poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que o incentivou a redigir um tratado sobre as cores.

Na obra *O mundo como vontade e representação* (1819), Schopenhauer nega existirem dois mundos diferentes, como afirmava Platão. Segundo ele, só há um mundo, que só pode se apresentar como mera **representação**, imagem criada por nosso cérebro quando o observamos. Nessa perspectiva, não existe uma árvore, mas o olho que vê a árvore. A existência da matéria não é negada, mas o que se vê dela são somente representações mentais. Se criamos representações, o que são, então, de fato, as coisas do mundo? Para o filósofo, são manifestações da nossa **vontade**, as quais são representadas conforme interagimos com tais coisas. O indivíduo é, além de representação, essencialmente vontade que se manifesta.

É nesse contexto cíclico e natural que a arte é destacada por Schopenhauer. A arte funciona como um momento de desprendimento da busca racional de atendimento a determinada vontade. A felicidade gerada não se dá pelo atendimento a algo que se deseja, mas pelo despertar de um sentimento prazeroso. Alguém que contemple uma pintura, por exemplo, o faz desinteressadamente e sem atender a uma vontade específica. Podemos, inclusive, atingir o **sublime**, entendido como um desprendimento tão acentuado de nossa racionalidade que nossa satisfação passa a derivar, plenamente, de nossa experiência estética.

Escola de Frankfurt: arte como dominação e emancipação

Surgida na primeira metade do século XX, a partir da reunião de intelectuais que faziam parte do Instituto para Pesquisas Sociais da universidade de Frankfurt, a Escola de Frankfurt recebeu influência principalmente das ideias de Karl Marx, Sigmund Freud, Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche, responsáveis por profunda mudança no modo de pensar o ser humano, a cultura e a sociedade. Em grande medida, os pensadores da Escola de Frankfurt procuraram reelaborar tais ideias, tratando de novos problemas surgidos com o desenvolvimento do capitalismo no século XX. Abordaram diversas questões sociais, como os processos civilizatórios modernos e o futuro do ser humano na política, na arte e no cotidiano no período da técnica, criando o que se chama de **teoria crítica** – reunião de análises da sociedade de massa em seus diversos aspectos, principalmente do papel da mídia e da cultura na contemporaneidade.

Alguns dos teóricos da Escola de Frankfurt abordaram questões relativas à arte. Theodor Adorno e Max Horkheimer criaram o conceito de indústria cultural, realizando estudos referentes aos modos como a lógica capitalista invade o âmbito da cultura. O conceito tornou-se central para análises de mídia e cultura. Herbert Marcuse, partindo de algumas ideias de Freud, criticou a separação entre belo e necessário, entre cultura e civilização. Já Walter Benjamin, um dos criadores da pesquisa crítica em comunicação, destacou a função politizante da arte e defendeu sua democratização.

ADORNO E HORKHEIMER: ARTE COMO INDÚSTRIA CULTURAL

Adorno (1903-1969) e Horkheimer (1895-1973) desenvolveram o conceito de **indústria cultural**. Ao realizarem a análise crítica da sociedade de massa, perceberam que havia ocorrido uma mercantilização da arte. As manifestações culturais deixaram de ser puras criações da alma do artista e tornaram-se produtos que visam ao lucro. Dessa maneira, a arte e a cultura passaram a seguir a lógica capitalista presente em outras áreas, havendo uma espécie de venda em liquidação de ambas.

A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feito das mercadorias.

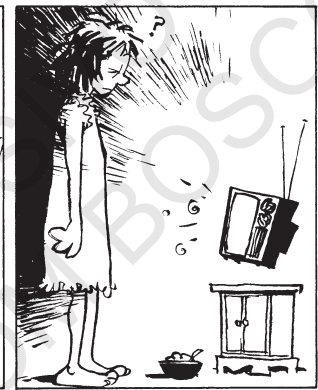
ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. A indústria cultural. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 111.

Partindo do conceito kantiano de **esclarecimento**, definido como a capacidade do ser humano de pensar por si mesmo, Adorno e Horkheimer apontam uma regressão do ser humano. A indústria cultural, principalmente por meio do cinema e do rádio, estaria a serviço de ideologias que impediriam a vida numa sociedade esclarecida.

ALVIN & HOBBS; BILL WATTERSON © 1992 WATTERSON / DIST. BY ANDREWS MCMEEL SYNDICATION



OBRIGADO PELA ARTIFICIALIDADE DAS SOLUÇÕES RÁPIDAS E PELA MANIPULAÇÃO TRAIÇOEIRA DOS DESEJOS HUMANOS PARA FINS COMERCIAIS.



Nesse sentido, também ocorre uma padronização do indivíduo, outro tema muito debatido pela Escola de Frankfurt. Por meio do cinema, da música e de outras linguagens artísticas, a indústria cultural dita padrões de comportamento, moda e gosto. Há, então, alienação em diversas facetas: no consumo, no lazer, no ser.

Anulação do indivíduo em meio aos poderes econômicos

O pressuposto do desenvolvimento de um ser humano esclarecido e autônomo [...] era uma organização econômica e política cujos interesses sistêmicos acabaram sendo mais fortes e lograram predominar socialmente. A figura da indústria cultural é, segundo os pensadores, uma prova disso, de como os meios do Iluminismo progressista podem, no limite, se transformar em expressões de barbárie tecnológica.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: HOHIFELDT, A.; FRANÇA, V.; MARTINO, L. (Orgs.). *Teorias da comunicação*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 1. p. 134.

Uma possível saída para a alienação social produzida pela indústria cultural, conforme as ideias de Adorno e Horkheimer, seria a utilização da **razão crítica** – racionalidade emancipadora que leva em consideração apenas o conhecimento e o esclarecimento. Em oposição a ela, estaria a **razão instrumental**, que visa a fins econômicos e ideológicos, perpetuando a alienação na sociedade de massa.

WALTER BENJAMIN: ARTE E POLÍTICA

Walter Benjamin reafirmou as ideias de Adorno e Horkheimer sobre a industrialização da cultura e a colonização da arte como instrumentos de geração de lucro para elites. Entretanto, ao observar que as tecnologias de comunicação atingiam massas, como é o caso do cinema, refletiu sobre a possibilidade de essas tecnologias serem utilizadas para conscientização da população. Se era verdade que os meios de comunicação de massa da indústria cultural não estavam promovendo um pensamento crítico e livre, o problema derivava do fato de serem propriedade de elites interessadas na lucratividade a partir da manutenção do sistema capitalista. Caso houvesse uma apropriação dessas tecnologias pelas classes interessadas no fim das desigualdades sociais, as artes poderiam servir como instrumento libertador. Para Benjamin, a arte, com o avanço tecnológico, poderia promover tanto dominação quanto esclarecimento.

LEITURA COMPLEMENTAR

A indústria cultural e as novas possibilidades

As ferramentas e oportunidades geradas na cibercultura [...] nos permitem ousar dizer que vivemos um momento sem precedentes na História, no qual surge a possibilidade de se questionar o padrão adotado pela *mass media* ao longo do século 20: a de único polo de emissão de informação. Os recém-chegados suportes midiáticos, muitos dos quais ao alcance das pessoas no seu cotidiano, estão reconfigurando os modelos até então vigentes e criando diálogos a partir das novas plataformas: vozes e discursos estão emergindo e gerando outras concepções, discursos, reflexões. [...]

Ora, podemos dizer que com a reconfiguração geral pela qual passa a sociedade com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, todos, *a priori*, passam a ter os mesmos poderes de criação e interação no espaço social de formação de opinião, deixando a *mass media* de ser a única fonte formadora e controladora de subjetividades dentro da sociedade. O que acontece na atualidade é que o polo de emissão de opiniões e discussões se estendeu até o cidadão [...] e a própria escolha da informação, em princípio, também passa a ser um direito que pode ser exercido individualmente e criticamente por todos. [...]

O importante nesse contexto é observarmos que [...] as mudanças que estão ocorrendo com o desenvolvimento da internet e da tecnologia, enquanto meios de comunicação, estão não só introduzindo novos hábitos, percepções e dinamizando a vida, como também estão transformando o transmissor, o receptor e a própria mensagem, gerando uma interdependência entre os homens. [...] No Brasil, a *indústria cultural* ainda continua forte e reinando, sem dúvida, no entanto, já podemos ouvir outras vozes e enxergar outras possibilidades que não as fabricadas somente pela *mass media*.

BORGES, Valterlei. A indústria cultural e as novas possibilidades. *Observatório da Imprensa*, 12 out. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/a-industria-cultural-e-as-novas-possibilidades/>>. Acesso em: jan. 2019.

HERBERT MARCUSE: CULTURA, PRAZER E TEMPO LIVRE

Herbert Marcuse (1898-1979) estudou literatura e filosofia. Entre suas obras, destacam-se *Razão e revolução* (1941) e *Eros e civilização* (1955). Suas críticas à sociedade capitalista exerceram forte influência nas correntes de esquerda da década de 1960. Engajado no movimento contrário à Guerra do Vietnã (1961-1974),

Marcuse ganhou o título, que sempre rejeitou, de pai da nova esquerda.

Marcuse desenvolveu suas teses, em grande medida, com base nas reflexões de Sigmund Freud (1856-1939) sobre o papel da repressão no desenvolvimento da civilização ocidental. Segundo Freud, para que a civilização progredisse, o ser humano teve de frear seus impulsos e deixar de lado o princípio do prazer, estabelecendo assim o princípio de realidade. Sem essa operação, a sociedade não existiria. Marcuse retoma essas ideias de Freud, concordando quanto ao fato de que as pessoas reprimem o prazer em prol da realidade que têm de viver.

Em seus textos sobre cultura e psicanálise, ele mostra que a cultura acabou se tornando idealista e interiorizada. A sociedade burguesa separou a cultura da civilização, a alma da matéria, criando o que Marcuse chamou de **cultura afirmativa**, que supõe um universo cultural acessível a todos, mas apenas de forma subjetiva e abstrata. Ou seja, no plano do discurso, a estratégia ideológica da classe dominante é incluir as classes subordinadas ao acesso a bens culturais, sem, porém, considerar a possibilidade de melhoria efetiva das condições materiais dessa população. Segundo Marcuse, a fruição estética admite apenas *simbolicamente* as classes desfavorecidas, distraíndo-as do fato de estarem sendo excluídas do progresso econômico.

Após uma jornada de trabalho, cada pessoa pode alimentar a alma por meio da arte, que não tem a função de transformar a realidade. A repressão de nossos desejos encontra prazer no consumo de mercadorias audiovisuais (vídeos, cinema e televisão), que expressam modos de vida felizes e satisfatórios. É por essa razão que cidadãos frustrados e reprimidos desejam o consumo da felicidade. A arte, com isso, abandonou progressivamente um significado crítico de conscientização e superação social.

Contra a chamada cultura afirmativa, Marcuse afirmou que o **princípio de prazer** (a plena satisfação do indivíduo) pode, sim, coexistir com o **princípio de realidade** (a realidade estabelecida, a civilização propriamente dita). Para isso, a civilização deveria usar o desenvolvimento tecnológico para fazer com que os indivíduos livres-se das amarras do trabalho excessivo. Como consequência, teriam mais o tempo ocioso para poderem usufruir da cultura e da arte, que, por sua vez, seria uma manifestação livre, criada por pessoas que expressariam, por meio dela, seus pensamentos e seus desejos. Segundo as ideias de Marcuse, caso se mantenha enquanto produto da indústria cultural, a arte se tornará mera válvula de escape, voltada para geração de lucro a determinados grupos da elite.

ROTEIRO DE AULA

ESTÉTICA NA FILOSOFIA GREGA ANTIGA

Conceitos de arte e belo

De modo geral, a produção artística consiste na manifestação ou expressão humana sobre si e o mundo. Ela depende do uso de técnicas, que podem ser mais ou menos elaboradas conforme cada sociedade e cada indivíduo que a produz. O que define o que é belo também é variável conforme cada sociedade e indivíduo. No entanto, ambos devem ser objetos de reflexão para conhecermos seus efeitos, suas funções e, assim, compreendermos melhor o ser humano e como ele se relaciona com o mundo.

Xenófanes

Propôs uma reflexão nova sobre a divindade e criticou a religião tradicional grega como resultado de uma produção humana que antropomorfiza divindades. Com relação à arte e ao belo, esse filósofo foi o responsável por emancipá-los da devoção às religiões, abrindo espaço para a reflexão sobre a arte e o belo em si, o que será enfatizado pelos filósofos pós-socráticos.

Platão

Segundo a teoria platônica, existem dois mundos: o sensível e o das ideias. No mundo sensível, criam-se objetos e ideias que são sempre cópias imperfeitas dos originais, que, pertencentes ao mundo das ideias, são perfeitos. As obras artísticas, por interpretarem ou reproduzirem essas cópias imperfeitas de ideias universais, são negadas por Platão; afinal, ele as compreende como uma forma de mau uso da razão, que deve se ater a buscar as ideias universais.

ROTEIRO DE AULA

ESTÉTICA NA FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Rousseau

Afirmou que a arte pode expressar sentimentos e pensamentos humanos e as ciências podem criar bens e conhecimentos úteis. Entretanto, observou que arte e ciência estavam sendo produzidas em conformidade à civilização corrompida, favorecendo privilégios de elites e promovendo a desigualdade social.

Kant

Afirmou que a arte deriva da manifestação livre e criativa dos seres humanos, enquanto o belo deriva de uma experiência sensorial particular de quem emite um juízo de gosto. Arte e belo são variáveis de acordo com as diferentes sociedades e os diversos indivíduos que as expressam.

Schopenhauer

Afirmou que compreendemos o mundo a partir de uma associação entre a nossa vontade e a forma como o representamos. Sendo a vontade indissociável do sofrimento, já que não conseguimos nem a inibir nem a contemplar plenamente, a arte é compreendida enquanto o despertar de sentimentos prazerosos que nos desprendem momentaneamente da busca racional de atendimento da vontade.

Escola de Frankfurt

Adorno e Horkheimer: Compreenderam que as tecnologias de comunicação audiovisuais se tornaram uma "indústria cultural", que objetiva criar entretenimento em forma de mercadoria.

Walter Benjamin: Defendeu que a apropriação dos audiovisuais é um recurso importante para criar conteúdos de conscientização das massas.

Herbert Marcuse: Defendeu que as tecnologias devem tornar-se ferramentas que minimizem o trabalho excessivo. Isso serviria para promover conscientização política e também aumentar o tempo livre, necessário para, inclusive, a manifestação artística isenta de utilidade ou remuneração ao criador.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

Eis com efeito em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo.

(PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 48.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a filosofia de Platão, é correto afirmar que

- a) a compreensão da beleza se dá a partir da observação de um indivíduo belo, no qual percebemos o belo em si.
- b) a percepção do belo no mundo indica seus vários graus que visam a uma dimensão transcendente da beleza em si.**
- c) a compreensão do que é belo se dá subitamente, quando partimos dele para compreender os belos ofícios e ciências.
- d) a observação de corpos, atividades e conhecimentos permite distinguir quais deles são belos ou feios em si.
- e) a participação do mundo sensível no mundo inteligível possibilita a apreensão da beleza em si.

Segundo Platão, apenas conhecemos verdadeiramente algo quando acessamos sua ideia universal por meio do uso adequado da razão. Essa ideia universal transcende o mundo sensível, que cria cópias imperfeitas, em diferentes graus, sobre o original e o verdadeiro.

2. UEL-PR – Leia a tirinha e o texto II a seguir e responda à questão.



Texto II

Exercita-te primeiro, caro amigo, e aprende o que é preciso conhecer para te iniciares na política; antes, não. Então, primeiro precisarás adquirir virtude, tu ou quem quer que

se disponha a governar ou a administrar não só a sua pessoa e seus interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes. Assim, o que precisas alcançar não é o poder absoluto para fazeres o que bem entenderes contigo ou com a cidade, porém justiça e sabedoria.

(PLATÃO. *O primeiro Alcebiades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2004. p. 281-285.)

Com base na tirinha, no texto II e nos conhecimentos sobre a ética e a política em Platão, assinale a alternativa correta.

- a) A virtude individual terá fraca influência sobre o governo da cidade, já que a administração da cidade independe da qualidade de seus cidadãos.
- b) Justiça, sabedoria e virtude resultam da opinião do legislador sobre o que seria melhor para a cidade e para o indivíduo.
- c) O indivíduo deve possuir a virtude antes de dirigir a cidade, pois assim saberá bem governar e ser justo, já que se autogoverna.**
- d) Para se iniciar em política, primeiro é necessário o poder absoluto para fazer o bem para a cidade e a si próprio.
- e) Todo conflito desaparece em uma cidade se a virtude fizer parte da administração, mesmo que o dirigente não a possua.

Segundo Platão, o adequado uso da razão permite o alcance das ideias perfeitas sobre o mundo. Essas ideias perfeitas são sempre uma associação entre o bom, o justo e o belo. Os indivíduos que se voltarem para a política deverão estar iniciados no uso da razão para acessarem esses conhecimentos; caso contrário, correriam o risco de governarem para poucos privilegiados e favorecerem desigualdades e injustiças.

3. UFU-MG – Leia o trecho abaixo extraído do diálogo platônico *O Banquete*.

Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor, ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo.

(PLATÃO. *O Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34. p. 147.)

Em conformidade com a teoria platônica das ideias, responda:

- a) As afirmações “do que é belo aqui” e “em vista daquele belo” designam o que, respectivamente?

Enquanto “em vista daquele belo” refere-se ao mundo das ideias, no qual existem as ideias perfeitas de todas as coisas, a expressão “que é belo aqui” refere-se ao mundo sensível, ou seja, à realidade na qual vivemos a partir de cópias imperfeitas do mundo das ideias.

- b) Que ciência é esta que se encarrega “daquele próprio belo” e conhece “enfim o que é em si belo”?

A questão refere-se ao uso da razão, nomeada por Platão de “dialética”;

utilizada para conhecimento das ideias perfeitas. O belo, portanto, deve

ser acessado por meio da dialética.

4. Unicentro-PR – A estética consiste em uma corrente do pensamento filosófico que busca refletir a criação e produção artísticas. Ela estabelece relação direta com a experiência sensorial, com a capacidade de perceber a realidade, mediante os órgãos dos sentidos.

Considerando-se esse conceito, é correto afirmar:

- a) Immanuel Kant apresentou o conceito de estética afirmando ser uma ciência que trata das condições de percepção pelos sentidos.
- b) Na concepção platônica, a estética é representada pelos atributos que compõem a beleza, a ordem, a simetria e a definição.
- c) A estética é uma manifestação do espírito que afirma a qualidade do ser de maneira inquestionável e universal.
- d) Hobbes atribui à estética um valor absoluto do ser durante sua manifestação fenomênica.
- e) Karl Marx, no seu livro *O Capital*, assevera a necessidade de se construírem sociedades mais belas e bem estruturadas.

Segundo Kant, a experiência estética deriva da percepção sensível dos indivíduos, não de uma beleza intrínseca ao objeto ou mesmo de uma experiência lógica ou racional.

5. Unioeste-PR

C4-H16

O ensaio “Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, publicado originalmente em 1947, é considerado um dos textos essenciais do século XX que explicam o fenômeno da cultura de massa e da indústria do entretenimento. É uma das várias contribuições para o pensamento contemporâneo do Instituto de Pesquisa Social fundado na década de 1920, em Frankfurt, na Alemanha. Um ponto decisivo para a compreensão do conceito de “indústria cultural” é a questão da autonomia do artista em relação ao mercado.

Assim, sobre o conceito de “indústria cultural”, é correto afirmar.

- a) A arte não se confunde com mercadoria, e não necessita da mídia e nem de campanhas publicitárias para ser divulgada para o público.
- b) Não há uniformização artística, pois toda cultura de massa se caracteriza por criações complexas e diversidade cultural.

- c) A cultura é independente em relação aos mecanismos de reprodução material da sociedade.
- d) A obra de arte se identifica com a lógica de reprodução cultural e econômica da sociedade.
- e) Um pressuposto básico é que a arte nunca se transforma em artigo de consumo.

O conceito de indústria cultural refere-se a uma mercantilização da cultura, operada por meio de tecnologias audiovisuais, identificando-a com a lógica capitalista. Essa identificação ocorre porque as empresas, proprietárias dos meios de produção, financiam, por exemplo, a produção de filmes com o objetivo de entreter as massas e incentivar o consumo no tempo livre. Além disso, tal consumo favorece a alienação capitalista, já que inibe a conscientização da população sobre a exploração que sofre.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

6. UNESP

Concentração e controle, em nossa cultura, escondem-se em sua própria manifestação. Se não fossem camuflados, provocariam resistências. Por isso, precisa ser mantida a ilusão e, em certa medida, até a realidade de uma realização individual. Por pseudo-indivuação entendemos o envolvimento da cultura de massas com uma aparência de livre-escolha. A padronização musical mantém os indivíduos enquadrados, por assim dizer, escutando por eles. A pseudo-indivuação, por sua vez, os mantém enquadrados, fazendo-os esquecer que o que eles escutam já é sempre escutado por eles, “pré-digerido”.

(ADORNO, Theodor. Sobre música popular. In: COHN, Gabriel (org.). *Theodor Adorno*, 1986. Adaptado.)

Em termos filosóficos, a pseudo-indivuação é um conceito

- a) identificado com a autonomia do sujeito na relação com a indústria cultural.
- b) que identifica o caráter aristocrático da cultura musical na sociedade de massas.
- c) que expressa o controle disfarçado dos consumidores no campo da cultura.
- d) aplicável somente a indivíduos governados por regimes políticos totalitários.
- e) relacionado à autonomia estética dos produtores musicais na relação com o mercado.

A indivuação é um conceito filosófico que expressa um processo comum a todos os seres humanos de transformações psicossociais ao longo da vida. Ocorre a partir da vida em sociedade, de acontecimentos vividos e do próprio desenvolvimento da pessoa. Adorno, por pseudo-indivuação, refere-se à determinação, pela indústria cultural, de nossos gostos e de nossos costumes. Essa determinação é operada a partir do convencimento de que somos livres nessa determinação e não influenciados pela televisão, pelo cinema, pelo rádio etc.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Enem

C1-H4

Os andróginos tentaram escalar o céu para combater os deuses. No entanto, os deuses em um primeiro momento pensam em matá-los de forma sumária. Depois decidem puni-los da forma mais cruel: dividem-nos em dois. Por exemplo, é como se pegássemos um ovo cozido e, com uma linha, dividíssemos ao meio. Desta forma, até hoje as metades separadas buscam reunir-se. Cada um com saudade de sua metade tenta juntar-se novamente a ela, abraçando-se, enlaçando-se um ao outro, desejando formar um único ser.

(PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.)

No trecho da obra *O Banquete*, Platão explicita, por meio de uma alegoria, o

- a) bem supremo como fim do homem.
- b) prazer perene como fundamento da felicidade.
- c) ideal inteligível como transcendência desejada.
- d) amor como falta constituinte do ser humano.
- e) autoconhecimento como caminho da verdade.

8. Enem**C1-H1**

Estamos, pois, de acordo quando, ao ver algum objeto, dizemos: “Este objeto que estou vendo agora tem tendência para assemelhar-se a um outro ser, mas, por ter defeitos, não consegue ser tal como o ser em questão, e lhe é, pelo contrário, inferior”. Assim, para podermos fazer estas reflexões, é necessário que antes tenhamos tido ocasião de conhecer esse ser de que se aproxima o dito objeto, ainda que imperfeitamente.

(PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.)

Na epistemologia platônica, conhecer um determinado objeto implica:

- estabelecer semelhanças entre o que é observado em momentos distintos.
- comparar o objeto observado com uma descrição detalhada dele.
- descrever corretamente as características do objeto observado.
- fazer correspondência entre o objeto observado e seu ser.
- identificar outro exemplar idêntico ao observado.

9. UEL-PR – Leia os textos a seguir.

“A arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição.”

(PLATÃO. *A República*. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993. p. 457. Adaptado.)

“O imitar é congênito no homem e os homens se comprazem no imitado.”

(ARISTÓTELES. *Poética*. 4. ed. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 203. Adaptado.)

Com base nos textos, nos conhecimentos sobre estética e na questão da mimesis em Platão e Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- Aristóteles concebe a mimesis artística como uma atividade que reproduz passivamente a aparência das coisas, o que impede ao artista a possibilidade de recriação das coisas segundo uma nova dimensão.
- Para Platão, as obras produzidas pelos poetas, pintores e escultores representam perfeitamente a verdade e a essência do plano inteligível, sendo a atividade do artista um fazer nobre, imprescindível para o engrandecimento da pólis e da filosofia.
- Na compreensão de Aristóteles, a arte se restringe à reprodução de objetos existentes, o que veda o poder do artista de invenção do real e impossibilita a função caricatural que a arte poderia assumir ao apresentar os modelos de maneira distorcida.
- Para Platão, a obra do artista é cópia de coisas fenomênicas, um exemplo particular e, por isso, algo inadequado e inferior, tanto em relação aos objetos representados quanto às ideias universais que os pressupõem.
- Aristóteles se opõe à concepção de que a arte é imitação e entende que a música, o teatro e a poesia são incapazes de provocar um efeito benéfico e purificador no espectador.

10. Unicamp-SP

“Muitos políticos veem facilitado seu nefasto trabalho pela ausência da filosofia. Massas e funcionários são mais fáceis de manipular quando não pensam, mas tão somente usam de uma inteligência de rebanho. É preciso impedir que os

homens se tornem sensatos. Mais vale, portanto, que a filosofia seja vista como algo entediante.”

(JASPERS. Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 140.)

Assinale a alternativa correta.

- O filósofo lembra que a filosofia tem um potencial crítico que pode desagradar a políticos, poderosos e ao senso comum, tal como ocorreu na Grécia em relação a Sócrates.
 - A filosofia precisa ser entediante para estimular o pensamento crítico, rigoroso, e formar pessoas sensatas, a partir do ensino de lógica, retórica e ética.
 - A ditadura militar no Brasil retirou a disciplina de filosofia das escolas por considerá-la subversiva, mas atenuou a medida estimulando os Centros Populares de Cultura (CPC), ligados a entidades estudantis.
 - Os políticos e a estrutura escolar não são o verdadeiro obstáculo ao ensino de filosofia, mas a concepção de que ela é difícil e tediosa, considerando-se que existem mecanismos para aproximá-la do senso comum.
- 11. IFRN – Nicolau Maquiavel apresenta em *O Príncipe* uma síntese das relações de poder exercidas pelos soberanos nos séculos XV e XVI. A crítica de Maquiavel inaugura a discussão da política sob a ótica da perspectiva do Estado moderno. Antes dele, Platão já havia discutido as intencionalidades do poder, focando em *A República* os ideais necessários para o exercício do poder na pólis. Mesmo levando-se em consideração os anacronismos entre ambos, é correto admitir que eles**
- convergiriam para a construção de uma prática política fundada nas controvérsias do poder.
 - simularam, em suas obras políticas, concepções e práticas que não correspondem à realidade.
 - associaram a imagem dos que exercem o poder a características negativas e a um modo de agir desprovido de virtude.
 - perceberam a necessidade de vincular o exercício da política ao exercício das virtudes.

12. Unicentro-PR

“Não é possível aprender qualquer filosofia; [...] só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes confirmando-os ou rejeitando-os.”

(KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 407.)

Sobre o processo do filosofar, considere as afirmativas abaixo e assinale a alternativa incorreta.

- A passagem de Kant serve para advertir que, mesmo estudando o pensamento dos grandes filósofos, o indivíduo deve aprender a filosofar, a exercer o direito de refletir por si próprio.
- A atividade de filosofar é, sobretudo, a experiência de um pensar permanente. Diferente do dogmatismo, a filosofia não apresenta verdades acabadas; ao contrário, convida à discussão.
- Mais do que um saber, a filosofia é uma atividade diante da vida, tanto no dia a dia como nas situações que exigem decisões cruciais.

- d) Quanto à tradição filosófica, é preferível não recebê-la passivamente, como um produto, como algo acabado, mas compreendê-la como um processo, como reflexão crítica e autônoma a respeito da verdade.
- e) A filosofia, por estar no campo do pensamento, está à margem do mundo e da própria realidade circundante, constituindo um conjunto de saberes incontestáveis.

13. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

As reações mais íntimas das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias que a ideia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: *personality* significa para elas pouco mais que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor nas axilas e das emoções. Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural.

(ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 138.)

A respeito da relação entre indústria cultural, esvaziamento do sentido da experiência e superficialização da personalidade, assinale a alternativa correta.

- a) A abstração a respeito da própria personalidade é uma capacidade por meio da qual o sentido da experiência, esvaziado pela Indústria Cultural, pode ser reconfigurado e ressignificado.
- b) A superficialização da personalidade e o esvaziamento do sentido da experiência são efeitos secundários da Indústria Cultural, decorrentes dos exageros da publicidade.
- c) A superficialização da personalidade resulta da ação por meio da qual a Indústria Cultural esvazia o sentido da experiência ao concebê-la como um sistema de coisas.
- d) O esvaziamento do sentido da experiência criado pela Indústria Cultural atesta a superficialidade inerente à personalidade na medida em que ela é uma abstração.
- e) O poder de reificação exercido pela Indústria Cultural sobre a personalidade consiste em criar um equilíbrio entre sensibilidade (emoções) e pensamento (máxima abstração).

14. UEG-GO – Para alguns sociólogos e filósofos, a cultura possuiria um valor intrínseco e poderia nos ajudar não apenas na fruição de nossa sensibilidade, mas nos levar a uma nova compreensão da realidade e de nosso ser e estar no mundo. Com a indústria cultural verifica-se que a cultura

- a) recupera seu valor simbólico, contribuindo para uma nova compreensão da realidade e para a emancipação humana.
- b) perde sua força simbólica e crítica, transformando-se em mero entretenimento que elimina a reflexão crítica.
- c) perde seu valor de mercado para tornar-se, graças à tecnologia, um entretenimento acessível a toda a população.
- d) deixa de ser um produto de elite e passa a ser acessível a todos os cidadãos, contribuindo com sua autonomia.
- e) torna-se mais sofisticada, na medida em que os meios de criação cultural passam a ser submetidos ao desenvolvimento tecnológico.

15. UNESP

A escola que se autointitula a primeira colocada no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ocupa, ao mesmo tempo, a 1ª e a 569ª posição no *ranking* que a imprensa faz com os resultados do Enem. A escola separou numa sala diferente os alunos que acertavam mais questões em suas provas internas. Trouxe, inclusive, alguns alunos de suas franquias pela Grande São Paulo. E “criou” uma outra escola (abriu outro CNPJ), mesmo estando no mesmo espaço físico. E de lá pra cá esta “outra escola” todo ano é a primeira colocada no Enem. A 569ª posição é a que melhor reflete as condições da escola. O 1º lugar é uma farsa. A primeira colocada no Enem NÃO é uma escola, é uma artimanha jurídica que faz com que os alunos tenham suas notas computadas em duas listas diferentes. Todos estudam no mesmo prédio, com os mesmos professores, com o mesmo material, no mesmo horário, convivendo no mesmo pátio e no mesmo horário de intervalo. No Brasil todo temos centenas de escolas que trabalham com a regra na mão para tentar parecer que são a melhor e depois divulgar, em suas propagandas, que são a melhor escola do país, do estado, da região, da cidade e, em cidades grandes, como várias capitais, até mesmo que é a melhor escola de um determinado bairro.

(PRADO, Mateus. Escola campeã do Enem ocupa, ao mesmo tempo, o 1º e o 569º lugar do *ranking*. *O Estado de S. Paulo*, 26 dez. 2014. Adaptado.)

O fato relatado pode ser explicado em função da

- a) hegemonia dos critérios instrumentais da empresa capitalista em alguns setores da educação.
- b) falência da meritocracia como critério de acesso ao ensino superior na sociedade atual.
- c) priorização de aspectos humanísticos, em detrimento da preparação para o mercado de trabalho.
- d) resistência dos educadores à transformação da escola em instrumento de reprodução ideológica.
- e) separação rigorosa entre os âmbitos da educação e da publicidade na sociedade capitalista.

16. UEM-PR – *Black Mirror* é uma série de televisão que se destaca por abordar de forma distópica as consequências sociais trazidas pelas novas tecnologias. No episódio *Nosedive* (em português traduzido como Queda Livre), que abre a terceira temporada da série, Lacie, uma garota comum, vive em um futuro próximo em que as pessoas podem avaliar seus companheiros, colegas de trabalho, amigos pessoais, vizinhos e todos os seus demais contatos por meio de um aplicativo que classifica as pessoas mediante um índice de aprovação que varia de 0 a 5 estrelas, em que 0 é a total impopularidade e 5 é o maior índice de aprovação. Lacie, que tem índice de popularidade em torno dos 4 pontos, vive obcecada em atingir as 5 estrelas. Todas as suas ações cotidianas visam aumentar sua aprovação social. Embora seja uma série de ficção científica e sua ação se passe em um futuro não determinado, a série aborda discussões que se articulam às questões sociais contemporâneas. No caso do episódio descrito, as mídias sociais estão no centro do debate. Considerando a descrição do episódio *Nosedive*, exposto neste enunciado, e conhecimentos sobre o tema comunicação, cultura e ideologia, assinale o que for correto.

- 01)** Lacie utiliza os melhores recursos que tem à disposição para valorizar a si própria e se promover socialmente. Essa ação é semelhante a uma promoção de marketing cujo principal produto colocado no mercado pelas mídias sociais é a própria imagem pessoal.
- 02)** As curtidas permitidas pelos aplicativos das mídias sociais funcionam como ferramentas que estabelecem regras de comportamento social e são utilizadas, muitas vezes, como definição do que é considerado apropriado ou transgressivo nas interações sociais.
- 04)** A ficção científica, gênero ao qual pertence a série *Black Mirror*, trata de forma fantasiosa questões que não têm relação alguma com a realidade histórica, portanto não devem ser objeto de análise das pesquisas sociológicas.
- 08)** As primeiras décadas do século XXI e as mídias digitais mostram que as formas de controle sobre a vida social, pública ou privada, estão em franca decadência.
- 16)** Muito antes do surgimento de tecnologias, como as mídias sociais, as pessoas já se preocupavam com as formas de aceitação ou de rejeição social. Isso ainda é percebido, por exemplo, na interação entre grupos familiares, entre relações de vizinhança ou na imposição de estigmas sociais na escola.

Dê a soma da(s) alternativa(s) correta(s).

17. UNESP

A utilização de fantasia pelo sistema de crença que reafirma o capitalismo ocorre a partir do consenso popular que é realizado por meio da conquista, pelos assalariados, de bens simbólicos, de expectativas e de interesses. Assim sendo, o sistema de crença no consu-

mo não opera sobre programas concretos e imediatos, mas sim a partir de imagens criadas pela publicidade e pela propaganda, que são fomentadas exclusivamente pela base econômica da sociedade; daí a permanente busca de realização econômica como sinônimo de todas as outras realizações ou satisfações. Por isso é que nos roteiros de cenas a comunicação sempre espelha a positividade. Não há dor, nem crueldade, nem conflito, nem injustiça, nem infelicidade, nem miséria. A seleção e associação de signos são trabalhadas para nem de longe sugerir dúvidas no sistema de crença no consumo. O jovem rebelde é bonito, forte, penteado e vestido com grife divulgada; o belo casal transpira boas expectativas de vida no calor do forno de micro-ondas ou na certeza de um seguro de vida ou mediante uma assistência médica eficiente; uma supercriança lambe nos superdedos a margarina de uma família feliz.

(BIGAL, Solange. *O que é criação publicitária* ou (O estético na publicidade). São Paulo: Nobel, 1999. Adaptado.)

De acordo com o texto, no universo publicitário, a estética exerce sobretudo o papel de

- a) denunciar as condições opressivas de vida existentes no capitalismo.
- b) criticar os mecanismos de sedução exercidos pela indústria cultural.
- c) veicular imagens de caráter ideológico manipuladoras do desejo.
- d) efetivar processos formadores do senso crítico sobre a realidade.
- e) questionar os estereótipos hegemônicos na sociedade de classes.

Dê a soma da(s) alternativa(s) correta(s).

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C1-H1

Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de *razão* e não de *sensação*, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

(ZINGANO, M. *Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia*. São Paulo: Odysseus, 2012. Adaptado.)

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- a) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
- b) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
- c) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
- d) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
- e) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

19. Enem

C4-H16

Não estou mais pensando como costumava pensar. Percebo isso de modo mais acentuado quando estou lendo. Mergulhar num livro, ou num longo artigo, costumava ser fácil. Isso raramente ocorre atualmente. Agora minha atenção começa a divagar depois de duas ou três páginas. Creio que sei o que está acontecendo. Por mais de uma década venho passando mais tempo on-line, procurando e surfando e algumas vezes acrescentando informação à grande biblioteca da internet. A internet tem sido uma dádiva para um escritor como eu. Pesquisas que antes exigiam dias de procura em jornais ou na biblioteca agora podem ser feitas em minutos. Como disse o teórico da comunicação Marshall McLuhan nos anos 60, a mídia não é apenas um canal passivo para o tráfego de informação. Ela fornece a matéria, mas também molda o processo de pensamento. E o que a net parece fazer é pulverizar minha capacidade de concentração e contemplação.

(CARR, N. Is Google making us stupid?. *The Atlantic*, jul./ago., 2008. Adaptado.)

Em relação à internet, a perspectiva defendida pelo autor ressalta um paradoxo que se caracteriza por

- a) associar uma experiência superficial à abundância de informações.

- b) condicionar uma capacidade individual à desorganização da rede.
- c) agregar uma tendência contemporânea à aceleração do tempo.
- d) aproximar uma mídia inovadora à passividade da recepção.
- e) equiparar uma ferramenta digital à tecnologia analógica.

20. Enem**C4-H16**

Hoje, a indústria cultural assumiu a herança civilizatória da democracia de pioneiros e empresários, que tampouco desenvolvera uma fineza de sentido para os desvios espirituais. Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização

histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa.

(ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.)

A liberdade de escolha na civilização ocidental, de acordo com a análise do texto, é um(a)

- a) legado social.
- b) patrimônio político.
- c) produto da moralidade.
- d) conquista da humanidade.
- e) ilusão da contemporaneidade.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

APRESENTAÇÃO

Pergunta comum e interessante: para que serve a filosofia? Muitas crenças e saberes do cotidiano jamais são questionados porque parecem naturais e claros. De certa forma, porque acreditamos o tempo todo na verdade ou na mentira, no tempo e no espaço, na qualidade e na quantidade, na realidade e no sonho, na vontade e na existência de liberdade, na moral e na ética. E se começássemos a levantar questões inesperadas? Exemplo: em vez de afirmar “quero ser livre”, perguntássemos “o que é ser livre?”. Isso significaria distanciar-se da vida cotidiana e de nós mesmos, questionar sentimentos que alimentam nossa existência. De certo modo, estaríamos adotando o que se chama de atitude filosófica. Na busca de uma definição para filosofia, consideramos algumas generalidades: visão de mundo, sabedoria de vida, esforço racional, crítica ao conhecimento e à prática.

Se considerarmos que o primeiro grande fundamento da filosofia é questionar, indagamos sobre sua utilidade e para quem seria útil. O senso comum da nossa sociedade costuma considerar útil o que seja palpável, possível e poder e lucro. Nessa óptica, a filosofia não tem serventia, mas alguns filósofos procuraram defini-la, como o fez o francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): “filosofia é um despertar para ver e mudar nosso mundo”. Se questionarmos o modo de pensar ingênuo e os preconceitos da vida cotidiana, buscarmos compreender o significado do mundo e da existência, das artes e das ciências, enfim, de tudo que seja possível, a filosofia passa a ocupar posição útil e a exercer a finalidade de propiciar transformação, felicidade, justiça, liberdade.

Diante do exposto, o material de pré-vestibular contempla assuntos fundamentais das áreas de conhecimento filosófico: ontologia, axiologia, gnosologia. Trata-se de temas relevantes ao exercício filosófico, principalmente para o estudante desenvolver senso crítico e entender melhor conceitos fundamentais da própria filosofia. O projeto compõe-se de sistematização teórica (concepções clássicas e contemporâneas), exercícios de aplicação para resolução em sala de aula e exercícios propostos para resolução em casa. O gabarito do aluno está em folha que pode ser excluída caso a escola opte por não disponibilizá-lo com antecedência.

CONTEÚDO

FILOSOFIA

Volume	Módulo	Conteúdo
2	5	Liberdade, determinismo e política
	6	Filosofia e Arte: estética grega antiga, moderna e contemporânea

Comentários sobre o módulo

O que é liberdade? Existe destino? Existem maneiras de ser livre? Neste módulo, começaremos a estudar a liberdade, conceito-chave para a filosofia. Abordaremos duas correntes de pensamento que se opõem: o determinismo, que propõe a existência de entidades externas que determinam nossas vidas, e o existencialismo, que afirma que, na verdade, somos a somatória de nossas ações.

A liberdade é individual ou também é coletiva? Nascemos livres ou devemos aprender a ser livres? Neste módulo, questionaremos a possibilidade de se ter liberdade em uma sociedade onde há pessoas vivendo em condições de vida tão precárias. Para isso, estudaremos a consolidação do capitalismo na Europa dos séculos XVIII e XIX e seu sistema de produção que resultou em avanços científico-tecnológicos, mas também em desigualdades sociais. Depois, estudaremos também abordagens filosóficas mais recentes, que trazem os conceitos de cidadania, autonomia, individualismo e igualdade social.

Para ir além

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

- Obra curta e completa de Sartre sobre o existencialismo.

BOBBIO, Norberto. *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Trad. Daniela B. Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

- Obra abrangente, com importantes especificações e diferenciações entre os clássicos da filosofia política, especialmente os liberais.

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Lisboa: Presença, 1969.

- Obra completa e concisa sobre a filosofia. Referência importante para o estudo de Heidegger.

VALLS, Álvaro. *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense, 1986 (Primeiros Passos).

Exercícios propostos

7. D

Enquanto a moral vincula-se a uma determinada cultura e, portanto, é variável, a ética pretende colocar a cultura em pauta e analisar quais são as condutas corretas para as ações morais. O sujeito ético, portanto, é necessário para a liberdade responsável.

8. C

A patologização da vida cotidiana consiste em chamar de patologias certos comportamentos que, cul-

turalmente, são considerados inadequados. Essa patologização impede a liberdade de modos de agir, pensar e sentir que sejam desviantes do tradicional. Não há, portanto, valorização da existência livre, mas um determinismo sobre a vida.

9. A

O existencialismo não nega a razão como instrumento de interpretação do mundo, mas nega a redutibilidade da condição humana a modelos interpretativos sobre a sociedade.

10. A

Enquanto a moral remete às ações práticas orientadas por aprendizados sociais, a ética refere-se às reflexões sobre as condutas morais adequadas, mediante parâmetros previamente selecionados. Por essa razão, pode superar ou pode justificar moralidades.

11. B

Habermas defende a liberdade de participação política de todos os cidadãos, independentemente de cor, gênero, etnia ou classe social. Os cidadãos devem manifestar-se, via espaços públicos legítimos, e atingir o consenso por meio de razão comunicativa. Em outras palavras, a norma discutida e acordada é a única legítima. Tanto na vida, a partir dessas normas, como na liberdade de criá-las e alterá-las, via razão comunicativa, exercemos a liberdade.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

12. D

Para Sartre, a essência do ser humano não é pré-definida, mas definida pela sua existência, ou seja, pelas escolhas que faz ao longo da vida – daí ele ser “condenado a ser livre”. Desse modo, a ideia defendida pelo filósofo é de que a existência precede a essência e não o contrário.

13. D

Nos Estados teocráticos, o poder deriva de Deus; nos aristocráticos, deriva de uma elite privilegiada (isto é, uma nobreza hereditária); nos militares, de uma cúpula militar; nos regimes democráticos, o poder deriva do povo. Este poder pode ser manifesto a partir de votos em representantes, de protestos, de candidatura a cargos políticos, de asso-

ciações em partidos políticos, de organizações em movimentos sociais e de manifestações públicas em geral.

14. D

Montesquieu preocupa-se com a garantia de um Estado que salvaguarde os direitos naturais e inalienáveis da população, o que depende de um governo democrático-liberal, e não despótico. Por essa razão, propõe a divisão entre os poderes, a fim de compartilhar o poder geral e evitar a centralização. A liberdade, enfim, manifesta-se quando os cidadãos agem conforme as leis, evitando o favorecimento de alguns e o desfavorecimento de outros.

15. A

Atividades políticas referem-se às atividades praticadas por qualquer interessado em participar das decisões públicas sobre a organização da vida social. Atualmente, são asseguradas pelo Estado democrático, que deve criar espaços para a manifestação política da população e, também, respeitar o direito ao protesto e às associações sindicais e a movimentos sociais.

16. O imperativo categórico kantiano é baseado na universalidade moral. Isso significa que todos devem igualmente respeitar uma regra classificada como imperativo categórico, portanto ninguém possui privilégios ou ressalvas para não a cumprir. Essas regras são elaboradas com o uso da razão, que desvenda quais regras morais devem ser obedecidas por todos os seres humanos, em todas as culturas. Devem ser obedecidas porque criam uma liberdade responsável, que considera a própria liberdade como oriunda do coletivo e não do individualismo que deseja ter privilégios ou ter todos os seus desejos atendidos de modo egoísta e irresponsável. Se o objetivo é criar uma boa vida para todos a partir da obediência à razão, na figura do imperativo categórico, são dispensáveis as justificativas religiosas para obedecê-las. Deve-se obedecê-las porque são justas, corretas e devidamente elaboradas e não porque respeitam doutrinas religiosas.

17. A

A democracia contemporânea se fundamenta no Estado laico, ou seja, que não favorece nenhuma religião. Por essa razão, a religião é de livre escolha dos cidadãos em suas vidas privadas e deve ser desvinculada da atividade pública. A organização, a ordem e o respeito derivam da participação popular na escolha de governantes, na elaboração de leis, em forma de protestos e de manifestações públicas em geral.

Estudo para o Enem

18. D

A questão mostra uma ação do Estado que objetiva limitar a degradação do meio ambiente e suas consequências, como poluição, aquecimento global, degradação do solo, contaminação de lençóis freáticos e tantos outros prejuízos que podem ser evitados. Numa perspectiva liberal, podemos interpretar o Estado não como limitador da liberdade, mas como protetor do espaço público. Ao atribuir responsabilidade à liberdade dos cidadãos, acaba preservando a liberdade, a vida e a propriedade da população.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

19. E

O texto critica condicionamentos sociais que nos impedem a existência livre, consciente e crítica sobre a realidade em que vivemos. Critica, especialmente, o capitalismo e sua industrialização da cultura, que investe na criação de uma liberdade ilusória que, na verdade, é um consumismo que gera a falsa impressão de liberdade.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.

20. A

No liberalismo, o Estado deve salvaguardar os direitos naturais e inalienáveis dos indivíduos. A liberdade depende de um corpo jurídico e democrático, que estabeleça as regras para a boa convivência. Há, portanto, uma autoridade que impede uma liberdade irresponsável. O protesto, inclusive, é um direito dos cidadãos livres, caso sintam-se inibidos em seus direitos. A autonomia depende, portanto, dessa concepção de liberdade.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

Comentários sobre o módulo

O que é “estética”? Quais são as contribuições da filosofia clássica para o estudo sobre o belo e a arte? Neste módulo, vamos conhecer melhor o conceito de estética e seus fundamentos clássicos. Estudaremos Xenófanés, que, com sua crítica aos poetas gregos Homero e Hesíodo, começou a estabelecer a relação entre filosofia (como forma de pensamento) e arte (como meio de expressão). Estudaremos também Platão, que foi quem definiu o que seria o objeto de estudo da estética, ou seja, o belo e suas manifestações. Com isso, estudaremos como os gregos antigos contribuíram para fundar a concepção de beleza existente na nossa sociedade contemporânea.

Quais são as contribuições da filosofia moderna e contemporânea para o estudo da estética? Neste módulo, estudaremos o que os principais pensadores do mundo ocidental, dos séculos XVIII ao XX, pensaram sobre a arte e o belo. Veremos de que maneira filósofos influenciados pelo Iluminismo, como Kant e Rousseau, abordaram o assunto. A seguir, estudaremos, também, como Schopenhauer compreendia a arte. Por fim, veremos como, no século XX, com a teoria crítica, abordou-se a temática da estética sob as perspectivas filosófica, econômica, social e cultural geradas pelo capitalismo, numa sociedade em que a arte se mercantiliza cada vez mais.

Para ir além

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

- O capítulo sobre estética apresenta definições objetivas e breves.

HUISMAN, Denis. *A estética*. Lisboa: Edições 70, 1984.

- Obra introdutória sobre a estética na filosofia. Apresenta diferentes escolas e comparativos entre elas.

COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- Obra concisa e direta sobre a definição de arte ao longo da história da filosofia.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 1991.

- Obra clara e objetiva sobre as diferentes concepções filosóficas sobre a arte. Apresenta relações entre autores e escolas.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da cultura da massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

- Texto clássico de Walter Benjamin, muito informativo.

Nele, Benjamin expõe com clareza e objetividade sua compreensão sobre a obra de arte enquanto instrumento de dominação e de possível emancipação social.

MATOS, Olgária. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

- Obra geral, concisa e clara sobre os pensadores da Escola de Frankfurt. Por meio de comparações, permite um acesso direto e também relacional entre os autores.

PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 1995.

- Obra também geral sobre a Escola de Frankfurt. Apresenta a Escola e seus enfoques na teoria educacional e na formação cultural, permitindo conhecer as críticas sobre cultura enquanto dominação e emancipação.

Exercícios propostos

7. D

Platão refere-se ao desconhecimento, no mundo sensível, do amor verdadeiro, que habita o mundo das ideias. Esse desconhecimento faz dos seres humanos seres falhos e incompletos, vivendo a partir de cópias imperfeitas. Eles devem se aproximar do uso da razão que lhes permita acessar o conhecimento, distanciando-se das artes e suas reproduções de cópias imperfeitas.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

8. D

Para Platão, as coisas existem em suas formas perfeitas no mundo das ideias e, enquanto cópias dessa realidade perfeita, no mundo sensível. Com isso, tudo o que vemos e sentimos tem sua correspondência no plano das ideias. Segundo o filósofo, é apenas conhecendo esse plano que podemos de fato conhecer alguma coisa.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

9. D

Enquanto Aristóteles vê a mimesis, a imitação, como algo positivo, já que é algo inerente do

ser humano, Platão a vê como negativa, pois é ilusória. Por isso é que, para Platão, a arte, que é imitação imperfeita das coisas presentes no mundo das ideias, será sempre algo prejudicial ao ser humano.

10. A

Sócrates foi condenado a cometer suicídio sob alegação de corromper os jovens e negar os deuses gregos. O filósofo afirmou que seus condenadores, da elite ateniense, silenciavam-no por demonstrar que fingiam ser sábios, mas nada sabiam. Jaspers, no enunciado, menciona essa função questionadora da filosofia, colocada pelos principais filósofos gregos clássicos – Sócrates, Platão e Aristóteles. Platão defendia que a razão filosófica deve levar ao esclarecimento, diferentemente das artes, que reproduzem cópias imperfeitas de ideias perfeitas.

11. D

Tanto Platão quanto Maquiavel defenderam que bons governantes seriam aqueles que teriam determinadas virtudes. Para Platão, só deveriam se voltar para a política os indivíduos que soubessem fazer bom uso da razão. Já Maquiavel estabeleceu o conceito de *virtù*, que reúne as qualidades políticas que um governante deve ter para se manter no poder e fazer um bom governo. Uma dessas qualidades, por exemplo, é saber utilizar a imoralidade quando necessário.

12. E

A filosofia não produz conhecimentos incontestáveis, mas conhecimentos lógicos, coerentes e, por serem bem elaborados, são também de difícil contestação. Entretanto, ainda podem ser questionados, conforme surjam novos argumentos e experiências sensíveis. No campo da estética, a filosofia, segundo Kant, não produz conhecimentos objetivos sobre a moralidade ou sobre a beleza da obra. Isso depende, na realidade, da experiência sensível de cada observador e de seu contexto histórico.

13. C

Por “sistema de coisas”, Adorno refere-se à substituição da criatividade e da originalidade de cada indivíduo, enquanto produtores de cultura, por um sistema de opções de mercadorias que satisfaçam necessidades criadas pelo próprio mercado. A arte é retirada de sua ação livre para se tornar instrumento publicitário.

14. B

A indústria cultural vale-se do fornecimento do entretenimento por meio do consumo de produtos audiovisuais. As tecnologias de comunicação de massa acabam por favorecer a concentração de renda por uma elite, o que inibe o uso delas para conscientização crítica e eliminação de desigualdades sociais.

15. A

A questão denuncia uma racionalização do trabalho feita por empresas capitalistas que oferecem a educação como um produto e que competem entre si pelo mercado consumidor. As artimanhas jurídicas e as propagandas não têm vínculo com a verdade, mas com a aparência necessária para atingir lucros. As propagandas, na era da indústria cultural, utilizam a produção artística para o convencimento e a manipulação, não para a consciência crítica.

16. 19 (01 + 02 + 16)

A Escola de Frankfurt e a sociologia contemporânea mostram que os mecanismos de vigilância e controle social estão em ascensão e em associação com o capitalismo desde o fim do século XIX. Conforme podemos notar no trecho sobre o episódio da série *Black Mirror*, há verossimilhança entre ficção e realidade na medida em que a série caricaturiza a vigilância e o controle, associados a uma promoção pessoal semelhante a uma publicidade. Essa vigilância e a publicidade acabam por favorecer certos estilos de vida, regras sociais e hierarquias sociais.

17. C

No capitalismo, a publicidade e o *marketing* fazem uso de produções artísticas para divulgar seus produtos e criar desejos de consumo. Trata-se da indústria cultural, teorizada por Adorno e Horkheimer.

Estudo para o Enem

18. D

Platão concorda com Parmênides na medida em que relaciona conhecimento com razão, e não com sensação. Posteriormente, ele desenvolveu a teoria, afirmando que a razão se relaciona com o mundo das ideias, e não com o mundo sensível, das sensações, que só é capaz de produzir ilusão, em vez de um conhecimento verdadeiro.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

19. A

O texto aborda o paradoxo do acesso facilitado à informação concomitante ao tratamento superficial da informação pelo usuário da internet. Segundo o autor, a internet e as tecnologias em geral são normativas sobre nosso modo de se relacionar com a informação, e não meros veículos passivos que não afetam nossa maneira de lidar com o mundo.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

20. E

A indústria cultural vende mercadorias audiovisuais e culturais que objetivam o entretenimento, e não a conscientização crítica, segundo Adorno e Horkheimer. Ao nos vermos diante da escolha de mercadorias culturais que não questionam a sociedade, mas apenas geram entretenimento, estamos diante de escolhas limitadas de liberdade, que nos impedem de acessar críticas e conhecimentos diferentes daqueles que consumimos.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
SEMIEXTENSIVO

2



www.dombosco.com.br



701625376